

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS – CAMPUS DE BAURU

JULIANA DAMASCENO E SOUZA

OS CONTOS DE FADAS COMO MEDIADORES NA
CONSTRUÇÃO DA MORALIDADE EM CRIANÇAS DA
EDUCAÇÃO INFANTIL

BAURU

2018

JULIANA DAMASCENO E SOUZA

**OS CONTOS DE FADAS COMO MEDIADORES NA
CONSTRUÇÃO DA MORALIDADE EM CRIANÇAS DA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia pela Universidade Estadual Paulista, Campus Bauru.

Orientadora: Prof.^a Adj. Rita Melissa Lepre

BAURU

2018

Souza, Juliana Damasceno e.

Os contos de fadas como mediadores na
construção da moralidade em crianças da educação
infantil / Juliana Damasceno e Souza, 2018
74 f. : il.

Orientadora: Rita Melissa Lepre

Monografia (Graduação)– Universidade Estadual
Paulista. Faculdade de Ciências, Bauru, 2018

1. Criança. 2. Contos de Fadas. 3. Moralidade.
4. Educação Infantil. I. Universidade Estadual
Paulista. Faculdade de Ciências. II. Título.

JULIANA DAMASCENO E SOUZA

**OS CONTOS DE FADAS COMO MEDIADORES NA
CONSTRUÇÃO DA MORALIDADE EM CRIANÇAS DA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia pela Universidade Estadual Paulista, Campus Bauru.

Orientadora: Prof.^a Adj. Rita Melissa Lepre

BANCA EXAMINADORA

BAURU

2018

AGRADECIMENTOS

Muitas foram às dificuldades e obstáculos superados para que tal trabalho pudesse ser desenvolvido e concluído, mas nada seria possível sem a ajuda de Deus e de pessoas que surgiram como verdadeiras luzes na escuridão do caminho. Gostaria de agradecer primeiramente aos meus pais Sônia Cristina de Souza Damasceno e Souza, e Joaquim Edilson Damasceno e Souza e aos grandes amigos que a UNESP me presenteou para a vida além dos muros da faculdade. Obrigada pela paciência, apoio emocional, estímulo e suporte diário. Sem eles eu certamente teria desistido do curso desde o primeiro ano, devido a minhas frequentes crises existenciais.

Agradeço também imensamente a minha querida e sempre admirada Profa. Dra. Rita Melissa Lepre, companheira de luta na elaboração e instrução do atual trabalho. Obrigada pela infinita paciência, pelas dicas, conselhos, sabias palavras de incentivo e estímulo, e pelas ricas informações das quais me foram passadas com tanta eficácia, objetividade, dedicação e carinho; sem ela esse trabalho não teria sido concluído com tal êxito.

Talvez possa parecer um tanto egocêntrico, entretanto, gostaria de agradecer a mim pela persistência, por não desistir a pesar das grandes e infinitas dificuldades que apareceram ao longo de toda trajetória e de não me entregar aos devaneios da minha busca pela essência, sem antes concluir a graduação. Por fim gostaria de registrar aqui para nunca me esquecer, das frases que seguiram comigo desde a minha entrada na faculdade em 2015, até o final da minha graduação em 2018:

- “Tenha fé!”
- “A fé na vitória tem que ser inabalável!”
- “Seja mais forte do que sua melhor desculpa!”

Gratidão a tudo e a todos... Sim eu fui e sou capaz, eu consegui! E espero ter conseguido dar orgulho a todos os envolvidos nesse processo. Obrigado por ajudar na minha metamorfose!

“Não haverá borboletas se a vida não
passar por longas e silenciosas
metamorfoses.” (RUBEM ALVES).

RESUMO

A partir do momento em que uma pessoa escolhe ler para uma criança, deve-se ter em mente que não basta simplesmente oralizar a história escrita, sem antes ter um momento de reflexão e estudo pessoal, sobre quais objetivos se quer alcançar com certa leitura. Cabe a esta pesquisa fornecer ao leitor profissional ou não da educação, uma tomada de consciência, possibilitando que descubra uma função pedagógica voltada ao desenvolvimento da moralidade infantil, por meio da resposta da questão problema do atual trabalho: “Os Contos de Fadas podem se caracterizar como mediadores na construção da moralidade em crianças da Educação Infantil? Para tanto, como devem ser utilizados pelos professores?”. A pesquisa realizada é um estudo de caso de caráter qualitativo, sendo adequada quando o pesquisador possui baixo controle da situação, que esta inserida em um contexto social e se preocupa com a compreensão de um fenômeno, dessa forma, os objetivos circundam entre verificar a possível utilização dos Contos de Fadas enquanto mediadores na construção da autonomia moral em crianças da Educação Infantil e conhecer e analisar a concepção de uma professora sobre os contos de fadas como possíveis mediadores no desenvolvimento moral dos alunos. Quando se tem em mente a proporção que os Contos de Fadas enquanto instrumentos, podem atingir em relação ao desenvolvimento moral, deve utiliza-los em momentos propícios a tais discussões, como, antes, durante, ou após o momento da roda de leitura. Afirma-se com esse trabalho que os Contos de Fadas podem sim ser utilizados como mediadores no desenvolvimento moral das crianças, desde que se tenha consciência que a contação de histórias, quando realizada com objetivos específicos e planejamento adequado, pode auxiliar no desenvolvimento da interpretação e na capacidade crítica das crianças, além de contribuir para construções sociais e morais.

Palavras-chave: Criança; Contos de Fadas; Moralidade; Educação Infantil.

ABSTRACT

At the moment a person chooses to read to a child, it must be borne in mind that it is not enough to oralize written history without first having a moment of reflection and personal study about which goals we want to achieve in relation to the reading. This research aims to provide the professional and non-educational reader with an awareness, enabling them to discover a pedagogical function aimed at the development of children's morality, through the answer of the problem question of the present work: "Fairy Tales can be characterized as mediators in the construction of morality in children's Early Childhood Education? To this end, how should they be used by teachers?" The referred research is a qualitative case study, being appropriate when the researcher has low control of the situation, that is inserted in a social context and is concerned with the understanding of a phenomenon, in this way, the objectives surround between verifying the possible use of Fairy Tales as mediators in the construction of moral autonomy in children's Early Childhood Education and to know and analyze the conception of a teacher about fairy tales as possible mediators in the moral development of the students. When you keep in mind Fairy Tales as instruments and all the achievements it could conquer, you must use them at appropriate times, such as before, during, or after the reading.. The present paper shows it can be used as mediators in the moral development of children, realizing, when carried out with specific goals and proper planning, can assist in the development of interpretation and in the critical capacity of children, in addition to contribute to social and moral constructions.

Keywords: Child; Fairy tale; Morality; Child education.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	14
2.1 O DESENVOLVIMENTO DO JUÍZO MORAL NA CRIANÇA	14
2.2 OS CONTOS DE FADAS COMO MEDIADORES NA CONSTRUÇÃO DA MORALIDADE INFANTIL.....	25
3. METODOLOGIA.....	30
3.1 PARTICIPANTES.....	31
3.2 LOCAL.....	31
3.3 PROCEDIMENTOS PARA A COLETA DE DADOS.....	31
3.4 PROCEDIMENTOS PARA A ANÁLISE DE DADOS.....	35
4. RESULTADOS E ANÁLISES DOS DADOS.....	36
4.1 RESULTADOS DAS OBSERVAÇÕES	36
4.1.1 ANÁLISES DAS OBSERVAÇÕES.....	45
4.2 RESULTADOS DA INTERVENÇÃO INDIRETA.....	49
4.2.1 ANÁLISES DA INTERVENÇÃO INDIRETA	51
4.3 RESULTADOS DA ENTREVISTA COM A PROFESSORA	53
4.3.1 ANÁLISES DA ENTREVISTA COM A PROFESSORA.....	56
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	65
APENDICE	67

1. INTRODUÇÃO

A contação de histórias na Educação Infantil, quando realizada com objetivos específicos e planejamento, pode auxiliar no desenvolvimento da interpretação e capacidade crítica das crianças, além de contribuir para construções sociais e morais. Em relação ao gênero textual em questão, as histórias mais frequentes a serem contadas nas escolas, são os clássicos Contos de Fadas, responsáveis por encantar até hoje adultos e crianças.

Os Contos de Fadas fazem parte da Literatura Infantil e são considerados verdadeiros clássicos da literatura mundial. Desde sua criação, tem se mostrado muito versáteis, para chegar ao ponto em que estão, pois sofreram muitas mudanças com o passar do tempo, como um registro, que continuou sendo transmitido oralmente, pois provem de uma tradição oral. Segundo Giordano (2013, p. 27) “O conto da tradição de transmissão oral é a forma primitiva da arte de dizer. A tradição perpetuou essas narrativas como uma forma de ensinamentos transmitidos oralmente”.

Mas, essas histórias ganharam também uma forma escrita para que assim elas não se perdessem com o passar do tempo e pudessem ser preservadas, visando tal fato, a origem dos primeiros contos infantis provem da França, do século XVII, mais especificamente de Charles Perrault, responsável pelo surgimento da Literatura Infantil enquanto gênero literário, pois se responsabilizou por coletar tais histórias, contos e lendas de tradição oral da Idade Média e adapta-las, elaborando uma coletânea de tais histórias chamadas de Contos de Fadas. Porém, estas possuíam certo caráter questionável e consideravelmente sarcástico e sádico, características essas próprias dessa época em que o conceito de infância ainda era muito precário, por mais que uma de suas preocupações fosse com a questão de promover aspectos morais através de uma literatura pedagógica.

Entretanto, ainda segundo Giordano (2013) o gênero literário citado só ganhou proporções maiores, a partir do momento em que Jacob e Wilhelm, mais comumente conhecidos como Irmãos Grimm, começaram a realizar pesquisas na Alemanha do século XIX, para descobrir mais histórias passadas de uma geração para outra, além das já conhecidas, promovendo também adaptações a partir do ponto de vista escolhido por eles, de forma que tais enredos não eram mais tão trágicas e impróprias, quanto às histórias de Perrault, pois os irmãos possuíam

influências cristãs, modificando, portanto certos contos e tornando-os mais maleáveis a seus destinatários.

Outro nome indispensável quando se trata do surgimento da Literatura Infantil Clássica, é do dinamarquês Hans Christian Andersen, responsável por seguir essa mesma linha dos Irmãos Grimm, que prezava a ideia de que tais histórias deveriam continuar seguindo as morais e fé cristã, porém que tinha como diferencial a introdução de passagens que ressaltavam a importância das crianças compreenderem situações complicadas da vida, toda via necessárias para que ao fim da vida pudessem chegar ao céu.

Todas as histórias coletadas por esses autores citados, basicamente se dão a partir de determinadas características em comum, sendo essas:

As principais características do conto de fadas tradicional: seguimos em um mundo mágico; temos um final resolutivo; realiza-se uma jornada de crescimento; há um ajudante mágico, ainda que atrapalhado; e tudo culmina na formação de uma família (CORSO; CORSO, 2010, p. 202).

Infinitas foram às adaptações e reconstruções feitas nos Contos de Fadas, para que se chegasse ao que conhecemos e lemos para nossas crianças no século XXI, sendo hoje, ainda variações dos contos populares ou fábulas, sendo histórias folclóricas com personagens de fantasia, que tem ali na história a descrição de suas vidas, com aventuras, medos, desafios e conquistas. Atualmente, por mais que diversas alterações tenham sido feitas no gênero, visando o conceito de infância atual e minimizando os aspectos negativos, ainda cabe ao adulto interpretar, se questionar sobre o porquê da realização de tal leitura e sobre quais princípios os Contos de Fadas podem ou não transmitir para as crianças. O professor enquanto um dos responsáveis pelo desenvolvimento de determinadas capacidades, se optar pela escolha desses contos em questão, deve vê-las como algo além, não só como responsável por estimular a imaginação e a capacidade crítica, mas também se deve ver como uma extensão ampla de modo de apreensão da cultura, sendo um meio transmissor de princípios e morais. Existem diversos conjuntos de princípios morais, individuais ou coletivos e as histórias também seguem princípios da moral, mas nem sempre esse lado tão rico por trás da história é explorado pelos professores da Educação Infantil, seja por falta de tempo ou de conhecimento. A maioria vê o momento de contação, como uma mera válvula de escape para entreter as crianças ou ocupar um determinado tempo livre entre atividades. Contudo, isso

obviamente não é a única ou principal função do Conto de Fadas, essa desvalorização se dá uma vez que:

Subestimamos a fantasia, sobretudo porque a julgamos acessória, ela não passaria de um escape, um desvio de rota do prumo da realidade. Quando muito, admitimos que a fantasia serviria de consolo, nos ajudaria a suportar os fatos reais da vida, o que é certo, mas raramente acreditamos que ela nos constitui, nos molda e faz parte da arquitetura da nossa personalidade (CORSO; CORSO, 2010, p. 19).

Cardemartori (1987) destaca que o fictício e a fantasia podem também proporcionar ao leitor ou ouvinte, uma ideia sobre o mundo e o possibilita, uma brecha para interpreta-lo, promovendo, portanto formações conceituais e também instrumentos para que se possa reduzir a manipulação do sujeito pela sociedade. Dessa forma, a literatura surge como um meio para que se possa superar a dependência e carência, responsável por levar a uma reformulação dos conceitos e a autonomia de pensamentos, possuindo desse modo um caráter formador se vinculado a objetivos pedagógicos.

Já afirmava Giordano (2013, p. 32) que “Os contadores de histórias que trabalham utilizando os contos como instrumento, sabem sobre a importância de se contar e ouvir histórias e conhecem o fascínio que exercem em seu público”. Tal importância se mostra, pois:

Os contos de fadas têm um papel de suma importância, pois através da leitura o educador oferece várias situações que possibilitem o desenvolvimento integral da criança, sempre com a função de distrair, estimular a imaginação e resolver conflitos internos quando inserido no mundo. É através de ouvir e contar, que as crianças vão organizando seus sentimentos e construindo seu desenvolvimento moral e social (FALCONI; FARAGO, 2015, p. 88).

Segundo Piaget (1932/1994), inicialmente o adulto acaba exercendo um tipo de controle externo sobre a criança e seu juízo moral. Tal controle externo provém das ordens dadas pelos adultos e pelos exemplos dados pelos mais velhos que levam a criança a ter determinados comportamentos, para que se tenha uma aceitação no grupo no qual está inserido; seguida através do desenvolvimento da criança pela moral heterônoma e por fim a moral autônoma. Ainda segundo Piaget (1932/1994, p. 23) “Toda moral consiste num sistema de regras, e a essência de toda moralidade deve ser procurada no respeito que o indivíduo adquire por essas regras.”

O professor, tendo em mente à proporção que os Contos de Fadas enquanto instrumentos podem atingir em relação ao desenvolvimento moral de seus alunos, pode tornar o momento de leitura, algo muito mais rico e transformador, pois é capaz de olhar além da história e levar seus alunos a reflexões morais muito pertinentes.

Apresentamos um grande interesse em relação à literatura infantil, desde a infância à graduação, toda via o interesse por esta temática para a elaboração do atual trabalho surgiu a partir do momento em que se teve um maior entendimento na graduação, sobre a importância do momento da contação de histórias. Entretanto a partir da observação, em período de estágio, podemos ver uma grande defasagem e atuação questionável de determinados professores da Educação Infantil em relação a essa questão, que não davam devido valor a esse momento e o tornavam restrito apenas para descontração, como forma de passar o tempo ou completar uma lacuna entre os horários de aula, deixando assim a desejar essa parte tão importante da aula, que é o momento de leitura, não conseguindo enxergá-lo como uma oportunidade para a construção de conhecimento. Após essa observação, surgiu o interesse de ir além e descobrir outras possibilidades que os Contos de Fadas podem ser úteis dentro do âmbito escolar.

Nesse processo, surgiu a questão problema do atual trabalho: “Os contos de fadas podem se caracterizar como mediadores na construção da moralidade em crianças da Educação Infantil? Para tanto, como devem ser utilizados pelos professores?”.

Para que tal questão pudesse ser devidamente respondida, elaboraram-se os seguintes objetivos:

- Verificar a possível utilização dos Contos de Fadas enquanto mediadores na construção da autonomia moral em crianças da Educação Infantil; e,
- Conhecer e analisar a concepção de uma professora sobre os Contos de Fadas como possíveis mediadores no desenvolvimento moral dos alunos.

O presente estudo pretende possibilitar ao leitor, seja profissional da educação ou não, uma tomada de consciência, de modo que ele não mais leia os Contos de Fadas para as crianças/alunos apenas como uma forma de passar o tempo, mas descubra por meio dessa pesquisa, uma função pedagógica voltada ao desenvolvimento infantil.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O DESENVOLVIMENTO DO JUÍZO MORAL NA CRIANÇA

No campo da Psicologia os estudos sobre o desenvolvimento moral das crianças se relacionam às pesquisas realizadas por Jean Piaget, reunidas em sua obra pioneira na área “O juízo moral na criança” (1932/1932).

O juízo moral na criança segundo Piaget (1932/1994), é desenvolvido inicialmente segundo uma coação exercida pelo adulto sob a criança, no qual a mesma por meio de um realismo moral, que é a tendência da criança de considerar deveres e valores independentes da consciência, acaba influenciando em suas ações.

No realismo moral, o dever é heterônomo, considerando bom todo ato de obediência a qualquer regra dos adultos, sendo essa a moral do dever e é considerado mal o ato de não seguir tais direcionamentos, ou seja, agir pela sua própria opinião. Entretanto, deve-se ressaltar que a regra não é uma realidade que se mostra como algo elaborado pela consciência, muito menos interpretada, pois se dá como algo já pronto, passado do adulto para a criança seguir ao pé da letra. Essa coação exercida de uma geração sob a outra se deu, segundo Piaget (1932/1994), pela acomodação da pedagogia e da moral comum.

Dentro de tal perspectiva, o realismo moral se divide em dois planos, o pensamento moral efetivo, que se constrói aos poucos durante a ação e que leva ao julgamento de valor, para o indivíduo se orientar de acordo com casos particulares que ocorrerem e a avaliar os atos praticados por terceiros, e o pensamento moral teórico ou verbal, que é muito mais sistemático no plano da teoria do que da prática, pois se afasta da ação e se aproxima da reflexão de atos, conduzindo a criança a julgar os atos de terceiros, que não a interessa diretamente. Tal realismo resulta de duas causas, sendo a primeira do pensamento espontâneo da criança e a segunda da coação exercida pelo adulto inserido no universo da criança, do qual suas condutas constituem em uma “ordem do mundo”, porém ambas se dão longe de ser acidental.

Inicialmente, nos primeiros anos, as ordens morais se mostram em uma heteronomia, ou seja, sempre além das crianças, de forma que a maioria dessas regras são impostas pelos pais como deveres sem explicação e como já dito

anteriormente, que não são entendidas interiormente, como um sentimento de piedade, por exemplo. Entretanto, as relações entre pais e filhos não são apenas de coação, pois também existe o afeto, que leva a criança a atos de generosidade espontânea, e, é aí que se encontra a moral do bem, da cooperação, que deve ser desenvolvida juntamente com a moral do dever, responsável por levar a criança não apenas a obedecer ao adulto, mas a regra generalizada por ele mesma e aplicada originalmente.

Logo que o bebê nasce, seus comportamentos são sancionados diariamente, quando lhe fazemos caras positivas e negativas de acordo com os seus atos ou quando se muda a entonação de voz para leva-lo a entender se sua ação foi positiva ou não. Com o passar dos anos, a criança ainda continua sendo observada de perto, de maneira que tudo o que fala ou suas ações são controladas, de forma que o adulto se vê na postura de incentivar ou reprimir determinadas ações feitas pelos pequenos, retribuindo atitudes boas ou até (dependendo dos pais em questão) punindo com restrições ou castigos corporais.

São, evidentemente, estas reações do adulto [...] que constituem o ponto de partida psicológico da ideia de sanção expiatória. Se a criança sentisse pelo adulto temor ou desconfiança, como pode ocorrer nos casos extremos, isto seria simplesmente a guerra aberta. Mas, como a criança gosta dos pais e tem por sua conduta o respeito tão bem analisado por Bovet, a sanção parece-lhes moralmente obrigatória e ligada necessariamente ao ato que a provoca (PIAGET, 1932/1994, p. 241).

Em contrapartida a essa moral da autoridade, descrita anteriormente, existe a moral do respeito mútuo, que seria a do bem e a moral da autonomia, que conduz o indivíduo ao campo da justiça, igualdade e reciprocidade, responsável pelo desenvolvimento de uma solidariedade entre iguais, no qual com as noções morais complementares e coerentes, caracteriza-se a mentalidade racional, ou seja, a capacidade de se elaborar normas próprias, que se constituem nas relações de cooperação. Na medida em que a criança cresce, diminui sua submissão, exceto em alguns casos de desvios morais, de adultos que permanecem crianças, se fazendo possível tal comportamento, a partir de uma submissão interior definitiva ou pela revolta duradoura.

Por fim, sobre os dois juízos morais da criança, pode-se dizer que existe uma oposição evidente entre eles, a moral da autoridade, que é uma moral heteronoma, da obediência imposta pelo adulto sob a criança que tem o dever de fazer algo, que

conduz no campo da justiça, certa confusão entre o que é justo com a lei imposta e a aceitação da sanção expiatória. É, a moral do respeito mútuo e da autonomia, que no campo da justiça, leva ao desenvolvimento da igualdade, reciprocidade e da noção da justiça distributiva. É evidente que se a criança é inserida em um ambiente que os adultos da sociedade, se relacionam entre si a partir de uma moral comum de cooperação, a moral infantil se desenvolve de maneira mais acelerada, devido à observação dos exemplos expostos no ambiente em que a criança vive.

Segundo Rohling (2017), Durkeim diz que os fatos morais se desenvolvem por meio dos fatos sociais, ou seja, dos exemplos em sociedade frente às interações, que a criança observa e que são ligados ao desenvolvimento estrutural e funcional dos agrupamentos coletivos, que também se refere a Piaget (1932/1994, p. 126) que acreditava que “A moral desempenha um papel análogo quanto à vida afetiva”.

A escola é um dos ambientes no qual a criança pode observar tais exemplos, porém nem todas as salas de aula, são morais, já que segundo Devries e Zan (1998), salas consideradas morais são, aqueles ambientes sócio-morais em que se promove o desenvolvimento infantil, ou seja, é a rede interpessoal de relações que forma a experiência escolar da criança, que inclui duas partes principais, sendo o relacionamento entre professor-aluno e entre as demais crianças da sala, além da relação da criança com os estudos e regras. Todavia, tais interações podem ser tanto harmoniosas quanto tensas, o que depende do professor, da aula que promove e do ambiente, mas como já dito anteriormente, o professor enquanto adulto pode influir na sua relação com a criança e também na qualidade das relações e interações entre elas na sala, possibilitando e oferecendo atividades que promovam a interação, cooperação e a negociação, cabe ao profissional o planejamento para atingir os objetivos esperados.

Deve-se considerar que certas pessoas acreditam que não é papel da escola se preocupar com a educação social e moral, mas sim se centrar nos temas acadêmicos, ou seja, no desenvolvimento intelectual da criança apenas. Acontece que de maneira proposital ou não, a escola acaba por influenciar a criança em seu desenvolvimento social e moral, pois no dia a dia o professor passa mensagens sociais e morais durante a aula sobre regras e comportamentos, inclusive alguns de maneira coerciva e que exigem o conformismo das crianças, visto isso se pode dizer que a sala de aula não é neutra e nem livre de valores. Tal ambiente se constitui na

maioria das vezes, em um currículo implícito para professores que não são conscientes do ambiente sócio-moral que oferecem, inclusive, segundo Montenegro (2005), a forma como a educadora se comporta em sala, reflete seu conjunto de valores, que podem, até mesmo não coincidir com os valores do projeto educacional da escola. Como já afirmava Piaget (1964/1968, p. 224-225) “a inteligência desenvolve-se no indivíduo como uma forma de função das interações sociais, tão frequentemente negligenciadas”. O ambiente sócio-moral é responsável por possibilitar novos horizontes de desenvolvimento de uma criança, pois serve como um contexto no qual, a criança pode construir ideias e sentimentos, sobre si e sobre o mundo das pessoas e objetos.

Entretanto, quando se pensa nesse ambiente sócio-moral, que promove o desenvolvimento de crianças morais, muitas vezes surge socialmente certas falas e conceitos populares questionáveis, pois reduzem as tais crianças a, por exemplo, indivíduos que simplesmente agem com comportamentos socialmente positivos, como compartilhar coisas, ajudar e consolar outras pessoas. Porém, segundo Devries e Zan (1998), ensinar apenas a criança a se comportar de maneira positiva é ignorar a importância do desenvolvimento do sentimento de necessidade de se comportar de maneira moral, visto que é completamente possível, se comportar de maneira socialmente aceitável e positiva, sem ter intenções ou sentimentos morais. Não que tal comportamento tenha que ser desencorajado, pois uma criança que imita o professor a consolar outro aluno é levado a descentrar-se um pouco de si, para reconhecer os sentimentos do outro, desde que o professor com objetivos construtivistas, não apenas elogie a criança, mas lhe mostre que tal ação contribuiu para o bem estar da outra criança, levando assim a um outro patamar.

O comportamento pró-social sem intenção moral não é moral. É apenas vantajoso ou obediente. Estamos preocupados com o desenvolvimento dos sentidos ou intenções morais pela criança, não apenas comportamentos. Portanto, não ficamos com um objetivo limitado de fazer com que as crianças simplesmente ajam de forma socialmente positiva (DEVRIES; ZAN, 1998, p. 39).

É comum também reduzir crianças morais a indivíduos com hábitos de boa educação, como por exemplo, dizer por favor, obrigado e desculpe-me, sem dúvida dizer tais coisas no automático acaba por contribuir para que a criança se relacione bem socialmente, entretanto nem sempre tais atos refletem necessariamente sentimentos morais que signifiquem relacionamentos baseados na ética. Outras

falas questionáveis são as que se referem a tais crianças como portadoras de traços de caráter, ou seja, crianças honestas, integras e generosas ou então crianças religiosas, porém embora a religião esteja envolvida com fatores morais, é completamente possível ser moral sem religião e ser religioso sem ser moral.

Então, fica a questão: O que se quer dizer realmente com crianças morais? Crianças morais são as que enfrentam questões que fazem parte de sua vida. Por mais que o conceito de questões morais na vida de uma criança seja diferente das questões morais da vida do adulto, as questões básicas são as mesmas e é nesse processo de enfrentamento, onde é confrontado o que é bom ou mau, certo ou errado e a própria criança passa a formar sua opinião e ouvir a opinião de outras pessoas, construindo assim seu senso de moral a partir de suas vivências.

[...] quando falamos de crianças morais, não queremos dizer crianças que meramente exibem um conjunto de traços ou comportamentos morais. Nem queremos dizer crianças que meramente são obedientes, polidas ou religiosas (DEVRIES; ZAN, 1998, p. 40).

Piaget (1996) descreve os procedimentos da educação moral e como podem ser classificadas sob diferentes pontos de vista, em primeira instância do ponto de vista dos fins perseguidos, no qual se visa os resultados, em segunda instância do ponto de vista das próprias técnicas, que pretende alcançar a autonomia da consciência e, por fim em função do domínio moral, que visa desenvolver a questão da sinceridade, veracidade e virtudes intelectuais. O autor acredita que existem, princípios que nos permite orientar simultaneamente para os fins, as técnicas e os domínios. Entretanto, apenas sob a condição de que se deve inicialmente partir da própria criança e de orientar a pedagogia moral por meio da psicologia da moral infantil.

Quaisquer que sejam os fins que se proponha alcançar, quaisquer que sejam as técnicas que se decida adotar e quaisquer que sejam os domínios sob os quais se aplique essas técnicas, a questão primordial é a de saber quais são as disponibilidades da criança. Sem uma psicologia precisa das relações das crianças entre si e delas com os adultos, toda a discussão sobre os procedimentos de educação moral resulta estéril (PIAGET, 1930/1996, p. 2).

Ainda sobre os fins da educação moral, existe um ponto em que tanto psicólogos quanto educadores se mostram de acordo, que é a questão de que segundo Piaget (1930/1996, p. 2) “[...] nenhuma realidade moral é completamente

inata”. O que se dá pela constituição psicobiológica do indivíduo são as disposições, tendências afetivas e ativas, como a simpatia, o medo e a capacidade de afeição, que possibilitará a criança amar um ideal assim como ama seus pais e ter inclinações para o bem de semelhantes. Entretanto, caso sejam deixadas livres, tais forças inatas permanecem neutras do ponto de vista da moral. Dessa forma, para que se façam possíveis realidades morais, é de vital importância uma disciplina normativa, e para que esta se faça possível, é necessário que exista uma relação estabelecida entre os indivíduos, pois é através dessa relação entre a criança e seus semelhantes, ou adulto e criança, que o levará a uma tomada de consciência de seus deveres e a colocar acima de si e do seu eu, a realidade normativa que consiste a moral.

Na medida em que se desenvolvem as relações, ainda segundo Piaget (1930/1996), entende-se que não existe uma única moral e que nem existira tantos tipos de reações morais quanto às diversas formas de relações sociais ou interindividuais, que se tem entre criança e meio ambiente. Crê-se que existem entre as crianças duas “morais”, ou seja, duas formas de conduzir as relações interindividuais, que se combinam entre si. Entretanto são diferentes durante a infância e só iram se harmonizar no decorrer da adolescência.

Um ponto estritamente necessário para quê se tenha uma aquisição das noções morais, é o sentimento de respeito. Segundo Freitas (2002), Bovet diz que, para que se desenvolva a noção da consciência de obrigação, é necessário primeiramente que se de conselhos para outros indivíduos e que esse indivíduo respeite aquele que emana os conselhos. Dessa forma, Freitas (2002), diz que Bovet pode nos mostrar que o respeito é um fato primário e que mesmo a lei se deriva dele.

Segundo a autora, Bovet (1912), nota dois tipos de respeito, primeiramente o respeito unilateral, aquele que se dá a partir de uma desigualdade entre aquele que respeita e aquele que é respeitado, ou seja, o respeito que a criança tem pelo adulto; tal atitude de respeito implica em uma inevitável coação que o superior faz sobre o inferior, caracterizando assim, uma primeira forma de relação social, chamada de relação de coação. E, segundo lugar, nota-se o respeito classificado como mútuo, no qual os indivíduos se consideram como iguais, promovendo assim o respeito e a reciprocidade; tal respeito não implica nenhuma forma de coação e caracteriza assim, outro tipo de relação chamada de relação de cooperação.

São essas duas formas de respeito citadas anteriormente, que explica a existência de duas morais, observadas nas crianças, a moral resultante da coação, na qual a pressão do adulto sobre a criança permanece heterônoma, e a moral do respeito mútuo, que se refere às relações de cooperação, que a partir da reciprocidade, leva o indivíduo a se tornar inteiramente autônomo.

É nítido que a moral da coação, deixa a desejar em relação a moral da cooperação e tal conclusão pode ser feita a partir de um exemplo dado por Piaget (1930/1996), onde o autor esclarece a partir de um exemplo facilmente observável nas escolas, que somente a segunda leva a uma transformação do comportamento espontâneo. Quando um dever é imposto por um adulto sobre a criança, o mesmo aparece como algo sem sentido, por exemplo, a regra do não mentir, mesmo quando respeitada pelas crianças, não é de fato observada no seu comportamento, mas no momento em que essa mesma regra emergir de uma cooperação, ou seja, quando as crianças as praticam entre si enquanto se relacionam, é enfim verdadeiramente compreendida.

Os efeitos do respeito unilateral e o respeito mútuo são bem diferentes em relação a questão da personalidade e do ponto de vista de responsabilidade e justiça. Na personalidade, a unilateralidade leva a criança a quebrar regras quando ocorre uma distração de outrem, de forma que egocentrismo e heteronomia andam juntas, já a cooperação do respeito mútuo leva a constituição de um verdadeiro balanceamento entre personalidade e autonomia. No campo da responsabilidade, quanto à regra do não mentir, por exemplo, são avaliadas de um ponto e vista realista e objetivo, de forma que a mentira mais grave é a mais inverossímil, ou seja, a que não parece verdadeira, e a menos grave é a mais verossímil; ao contrário de quando se tem a cooperação, que há uma responsabilidade subjetiva e um julgamento da ação em função das intenções, se mostrando mais internalizada essa questão do respeito mútuo.

Em relação à justiça, conforme o respeito unilateral se sobressai sobre o respeito mutuo, a autoridade predomina sobre a justiça, mesmo que o adulto seja justo com a criança, pode ocorrer conflitos entre as suas decisões em relação à igualdade das mesmas entre si; quando existe uma cooperação, as situações se convertem em fatores que promovem o igualitarismo e é a partir daí que a criança passa a colocar a justiça acima da autoridade e a solidariedade acima da obediência.

Após analisar as duas morais de heteronomia e autonomia, descritas por Piaget (1930/1996) e de se ver como levam a avaliações e comportamentos diferentes, não se pode deixar de mencionar que não são vistas apenas nas crianças, mas também se encontram no adulto. A moral da heteronomia corresponde a moral das prescrições e dos tabus, próprias das sociedades na qual existe uma exaltação ao respeito dos costumes, por exemplo, em uma tribo que obedece a seus anciões e a moral da cooperação, seria um produto das sociedades mais civilizadas, porém é particular a forma como cada adulto concebe a forma de diferenciar o sentimento de dever, do sentimento do bem.

Entre os procedimentos de uma educação moral, existem alguns graus de dois estilos de mecanismos, alguns que se orientam a partir de recursos próprios do respeito unilateral e da coação do adulto sobre a criança, e outros que visam à cooperação entre as crianças e outros. Todos podem ser considerados como igualmente bons, desde que seguindo conforme as realidades, porém, não se apresentam sempre de forma harmoniosa.

As técnicas gerais da educação moral são procedimentos de educação que fazem a utilização de técnicas gerais, podendo-se considerar três aspectos distintos, que seria segundo o autor: autoridade e liberdade, procedimentos verbais de educação moral e métodos ativos de educação moral.

De todos os procedimentos, primeiramente devemos descrever a autoridade e liberdade, que é o procedimento mais conhecido de educação moral, sendo o que tem como foco o respeito unilateral, ou seja, o adulto impondo as regras, sendo muito comum tal procedimento na pedagogia familiar, mas também é facilmente encontrada no domínio da disciplina escolar tradicional.

Durkheim (1925) autor responsável por escrever *A Educação Moral*, procurava descrever em tal obra, essa pedagogia que visava chegar a moral da cooperação por meio da autoridade, que segundo ele existiam três elementos que constituíam a moralidade: a moral como um sistema de regras que se impõem às crianças; a moral enquanto elo social que deve cultivar a solidariedade; e por fim a moral enquanto autonomia da vontade (entretanto nesse caso, autonomia não significa se libertar das pressões do grupo em que vive, mas compreender a necessidade de aceitar tal pressão livremente). Nesse procedimento unilateral, o ensino é puramente oral, e por ser fundado no respeito ao adulto, se torna necessário e vital que as atividades sejam limitadas e controladas por um sistema de

prescrições e interdições que são as regras da instituição escolar, partindo daí a necessidade dos castigos escolares, responsáveis pela função de reforçar o respeito à lei e passar lições que conduzirão a crianças a descobrir a existência de grupos dos quais ele deverá se adaptar, como por exemplo, a cidade e a nação.

Segundo Piaget (1930/1996, p. 12) “[...] os procedimentos educativos fundados somente no respeito unilateral negligenciam a metade, e não menos a menos importante, dos profundos recursos da alma infantil”.

Na curvatura da vara da pedagogia moral clássica propagada por Durkheim, pode-se ver certas escolas experimentais, que partem de procedimentos fundados na liberdade absoluta da criança, sem nenhuma coação ou indicação adulta, sobre a maneira de se proceder com outras crianças ou pessoas mais velhas. Entretanto, com a ausência total de um respeito unilateral, Piaget (1930/1996, p. 14) indaga se “[...] podemos nos perguntar se não é queimar etapas querer constituir na criança uma moral do respeito mútuo antes de toda moral unilateral”. Mas, a verdade é que não se deve negligenciar nem o respeito mútuo, nem o respeito unilateral, pois ambos são fontes vitais na vida moral infantil.

Em segunda instância, temos os procedimentos verbais de educação moral, que é outro exemplo de técnica também utilizada, que conta com o discurso moralista para educar a consciência, podendo-se distinguir diversos tipos de ensino da moral pela palavra, variando desde o mais impregnado de coação adulta, até o mais direto e próximo da criança. Inicialmente se tem a lição moral e em seguida as conversações morais em forma de relatos ou comentários sobre exemplos históricos, literários e etc., que servem como base para contribuir com o desenvolvimento de tal educação moral, em terceiro lugar, se tem o procedimento de não dar à moral um lugar especial entre o horário das lições como diz o autor, mas sim fazer uso das diferentes matérias de ensino para construir considerações morais. Nesse procedimento verbal, as lições, são basicamente conversações provocadas pelo self-government ou pelo grupo. Vejamos então, alguns exemplos de procedimentos verbais:

1º Lições propriamente ditas, que buscam interessar a criança sobre o problema tratado, ou segundo princípios da educação funcional, devendo a lição, ser uma resposta. Para tocar a criança, esse ensinamento oral, deve vir depois de uma experiência vivida.

2º Conversações primordialmente preparadas, que ao invés de partir de uma lição para ilustrar com exemplos, inicia-se relatando uma história previamente selecionada e a lição, nada mais são do que uma reflexão em comum e uma discussão sobre tais relatos. Devendo-se destacar que os relatos mais concretos e vivos são mais eficazes sobre a vida moral da criança que os comentários mais ou menos teóricos.

3º Alguns educadores são antagônicos à ideia de lições de moral, pois consideram que a moral não pode ser considerada como uma matéria de ensino como as outras, mas sim como um espírito que percorre toda a educação. Nesse caso, não se recorre a um ensino verbal da moral, mas sim a ocasiões oferecidas pelas diversas matérias, que proporcionam espaços para tratar através de discussões da moral, como por exemplo, em matérias como história, geografia, literatura etc.

4º Os procedimentos orais descritos anteriormente, tem em comum o fato de que o adulto/professor é o principal responsável e a única fonte de inspiração moral, sendo a lição uma consequência pronta na qual a criança acaba sendo coagida a recebê-la de fora. No método ativo, tudo gira em torno da criança e o adulto só irá intervir quando solicitado, ou seja, durante a convivência das crianças entre si, acabam surgindo problemas relativos a vida comum, à disciplina, ao esforço pessoal e etc., que acaba provocando a partir de uma mentira ou ato rude, uma discussão ou, alusão a uma virtude ou a um belo exemplo, que primeiramente se dá entre as crianças e que depois chega até o professor, que somente nesse momento encontra condições de dar uma lição, muito melhor do que intervir de fora correndo o risco de não ser ouvido, passa a interceder após pedidos, levando sua palavra a um outro grau de significação. Entretanto deve-se destacar que esse sistema, só se faz possível por meio de uma totalidade do método de ensino.

Por fim em terceira instância, temos os métodos “ativos” de educação moral, que assim como a “escola ativa”, visa não fazer imposições de fora, mas sim promover redescobertas feitas pela criança por meio de uma atividade espontânea. A educação moral ativa entende que a criança é capaz de fazer experiências morais e que cabe a escola construir um ambiente propício para que tal redescoberta se faça possível; dentro disso, três pontos devem ser destacados:

1º Para a escola ativa, a educação moral não constitui uma matéria de ensino, mas um aspecto do sistema em si.

Dito de outro modo, a educação forma um todo, e a atividade que a criança executa com relação a cada uma das disciplinas escolares supõe um esforço do caráter e um conjunto de condutas morais, assim como supõe uma certa tensão da inteligência e mobilização de interesses (PIAGET, 1996, p. 20).

2º A escola ativa, conta com uma colaboração no trabalho, tornando assim necessário uma ação coletiva que motiva a iniciativa da criança, pois ao desenvolverem esse trabalho colaborativo, com o decorrer de tempo deixam de ser egocêntricos e inaptos à cooperação, e passam a constituir uma vida social cada vez mais diligente. Tal liberdade de trabalho em classe é implicada a cooperação na atividade escolar.

Se, realmente, o desenvolvimento moral da criança ocorre em função do respeito mútuo, além do respeito unilateral, como destacamos [...] a cooperação no trabalho escolar está apta a definir-se como o procedimento mais fecundo de educação moral (PIAGET, 1996, p. 21).

3º Sobre os procedimentos “ativos” especificamente morais, deve-se dizer que são inspirados no self-government, ou seja, na tradução literal autogoverno, que se refere a aprender as matérias por si, através de experiências e análises, do mesmo modo que se pode adquirir o sentido de disciplina, solidariedade e da responsabilidade. De forma que é papel da escola ativa colocar a crianças em situações que a leve a experimentar diretamente as realidades e pensar por si mesma sobre as leis constitutivas, pois é dessa forma que a criança descobre suas obrigações morais pouco a pouco, a partir de suas experimentações, envolvendo assim toda a sua personalidade.

Ora, posto que a classe forma uma sociedade real, uma associação que repousa sobre o trabalho em comum de seus membros, é natural confiar às próprias crianças a organização dessa sociedade. Elaborando, elas mesmas, as leis que regulamentarão a disciplina escolar, elegendo, elas mesmas, o governo que se encarregará de executar tais leis e constituindo o poder judiciário que terá por função a repressão dos delitos, as crianças adquirirão a possibilidade de aprender, pela experiência, o que é a obediência à regra, a adesão ao grupo social e a responsabilidade individual (PIAGET, 1996, p. 22).

Sobre os procedimentos classificados conforme o domínio da educação moral resumidamente se admite que qualquer que seja o método ativo, ele primeiramente

sempre busca não impor a autoridade sobre a criança, para que ela possa descobrir por si mesma e também criar um meio social infantil, no qual a criança irá fazer suas experiências desejadas, seja dentro ou fora do ambiente escolar.

Fora da sala de aula pode-se citar a Liga da Bondade e o escotismo, como exemplos de grupos que se baseiam nessa educação moral ativa, que visam estabelecer uma relação que contribua para desenvolver nas crianças a formação do caráter e o cultivo da bondade através de suas vivências. Os métodos utilizados nas atividades desses grupos se voltam para a criança e suas próprias atividades, e não sobre o discurso em si. Os preceitos usados focam em questões de honra para formar o caráter, fazer o bem, ajudar o próximo, trabalhar o equilíbrio entre saúde física e moral, entre outras questões, tudo isso a partir das experiências vividas pelas crianças durante as atividades.

Visto a variedade dos procedimentos e técnicas de educação moral, dentro da sala de aula, assim como fora (tendo por base o exemplo anterior), a moral deve ser trabalhada em um ambiente, que independente do procedimento, contribuía para discussões e reflexões de questões morais. A partir das vivências e atividades do grupo como unidade e do professor, deve-se pensar em meios de como tal profissional da educação, pode trabalhar esses aspectos dentro do ambiente de educação formal.

2.2 OS CONTOS DE FADAS COMO MEDIADORES NA CONSTRUÇÃO DA MORALIDADE INFANTIL

Segundo DeVries e Zan (1998), a escola pode ser capaz de apoiar ou impedir o desenvolvimento sócio-moral; e um dos momentos na escola, que se pode promover tal desenvolvimento, é a hora da roda em sala de aula. Esse tempo deve ser muito bem aproveitado pelo professor, pois essa hora de leitura, quando planejada e estabelecida a partir de objetivos pedagógicos que se enquadram em sócios morais ou cognitivos, é, portanto, uma ótima oportunidade, para estabelecer essa importante atmosfera sócio-moral.

O principal objetivo sócio moral da roda de leitura, deve ser o aprimoramento do raciocínio social e moral, ou seja, o professor construtivista é levado por esse objetivo, a introduzir um senso de comunidade entre os participantes dessa roda, de

maneira que seja sempre incentivado o autogoverno e um envolvimento sobre questões sociais e morais específicas de acordo com o que está sendo lido e discutido. Dentro desse contexto, ainda segundo as autoras, as crianças passam a entender que todos tem o direito a voz e que nenhuma opinião vale mais que a do outro.

Já os objetivos cognitivos para a hora da roda, circundam primeiramente entre promover o desenvolvimento geral do raciocínio e a inteligência, e como um segundo objetivo cognitivo, tem-se a construção do conhecimento em uma variedade de conteúdos, como por exemplo, lógico matemático e português durante uma contação de histórias.

Ainda, segundo DeVries e Zan (1998), é nesse momento da roda, que o professor aparece com uma função dupla, que primeiramente antes da roda, sua função é de planejar e em um segundo momento, que acontece durante a roda, a função de liderar. O planejamento é indiscutivelmente importante, para que se saiba o que e como fazer, além de preparar o profissional para que não se tenham contratempos durante esse momento.

Segundo Libâneo (1994, p. 6) “O planejamento é um processo de racionalização, organização e coordenação da ação docente, articulando a atividade escolar e a problemática do contexto social”.

O professor bem preparado deve ter em mente que a duração da roda depende do interesse das crianças e de sua capacidade de mantê-las atentas, além de sempre ter algumas alternativas previamente planejadas, para caso aconteça das crianças não corresponderem a suas expectativas para a discussão desse momento da roda. Já o professor enquanto líder (da roda) deve liderar sem autoritarismo, e visando apoiar, sugerir e facilitar os esforços das crianças durante as atividades ou leituras propostas nesse momento. Entretanto deve-se ressaltar que:

[...] o objetivo da roda não é cantar, ler a história ou marcar a data no calendário. Essas atividades estão a serviço de objetivos mais amplos, de longo prazo, tais como o desenvolvimento da auto regulação, cooperação e adoção de perspectivas (DEVRIES; ZAN, 1998, p. 118).

Tendo em vista uma sala de aula moral, na qual o professor construtivista, faz o uso da roda para a leitura de Contos de Fadas, a partir de objetivos de longo prazo para contribuir com o desenvolvimento de seus alunos, deve-se então pensar em

como tal professor, pode a partir de discussões entre ele e seus alunos, promover reflexões das crianças sobre questões morais e sociais.

Embora, como diz DeVries e Zan (1994), por mais que todas as questões morais sejam sociais por natureza, pode acontecer também de ser social sem ser moral, além de ocorrer também o fato de que existem questões que não podem ser categorizadas como sociais ou morais, pois ocorre uma mistura entre elementos de ambas às categorias. Na prática é deveras difícil manter uma distinção clara entre social e moral, visto que se pode variar entra graus do que pende mais para um lado ou outro. Portanto, usa-se o termo sócio-moral, para se referir a tais fenômenos que se mostram tanto sociais quanto morais.

Segundo as autoras, as histórias infantis, geralmente apresentam lições morais, ou seja, dentro de seus enredos existem lições e respostas corretas a serem transmitidas para o leitor ou ouvinte. Diferente dos dilemas morais, onde se encontram perspectivas das quais o leitor ou ouvinte, deve a partir do enredo, fazer interpretações, que podem ser diversas e sem estarem certas ou erradas, diferindo das lições morais.

Os Contos de Fadas enquadram-se dentre as histórias infantis da literatura, que apresentam lições morais, que se dá como ensinamentos orais, que segundo Candido (1972), possui uma função humanizadora, que confirma a humanidade do homem e uma função psicológica, referindo-se à necessidade universal de ficção e fantasia; fantasia essa, que nunca é pura e que sempre se refere a alguma realidade. De acordo com Giordano (2013, p. 27) “O conto da tradição de transmissão oral é a forma primitiva da arte de dizer. A tradição perpetuou essas narrativas como uma forma de ensinamentos transmitidos oralmente”.

Tais contos, basicamente se dão a partir de determinadas características específicas, que determinam o gênero Conto de Fadas, sendo essas:

As principais características do conto de fadas tradicional: seguimos em um mundo mágico; temos um final resolutivo; realiza-se uma jornada de crescimento; há um ajudante mágico, ainda que atrapalhado; e tudo culmina na formação de uma família (CORSO; CORSO, 2010, p. 202).

Nota-se facilmente durante situações acadêmicas, por exemplo, a questão de que alguns professores, vê as histórias como uma mera válvula de escape para entreter as crianças e ocupar um determinado tempo vago, mas isso obviamente

não é o que acontece nas salas morais. Entretanto, muito é dito sobre a questão de tais contos serem subestimados, pois:

Subestimamos a fantasia, sobretudo porque a julgamos acessória, ela não passaria de um escape, um desvio de rota do prumo da realidade. Quando muito, admitimos que a fantasia serviria de consolo, nos ajudaria a suportar os fatos reais da vida, o que é certo, mas raramente acreditamos que ela nos constitui, nos molda e faz parte da arquitetura da nossa personalidade (CORSO; CORSO, 2010, p. 19).

Como já dito anteriormente, enquanto pequenos, somos suscetíveis a influências, mas nem sempre tais influências são negativas e com Os Contos de Fada, não seria diferente. Nesse contexto Corso; Corso (2010, p. 352) afirmaram que “Por outro lado, o que se vive na fantasia influencia o rumo da realidade”, e dessa forma o modo como o indivíduo reagirá perante determinadas situações que se apresentarem a ele no decorrer de sua vida. E desse modo, como nada é em vão e tudo que se vive é recordado como lição que se aprendeu imediatamente ou posteriormente, com os Contos de Fada se dá da mesma forma, devido ao fato de que:

De algum jeito percebemos que aquela aventura onírica está querendo nos dizer algo, uma verdade indigesta, que não vivenciamos concretamente, mas provamos de seu gosto em sonhos e parte dela sobrevive em nossa vida desperta (CORSO; CORSO, 2010, p. 25).

Afirmava Giordano (2013, p. 32) “Os contadores de histórias que trabalham utilizando os contos como instrumento, sabem sobre a importância de se contar e ouvir histórias, e conhecem o fascínio que exercem em seu público”. Ou ao menos deveriam saber que tal importância se mostra presente, pois:

Os contos de fadas têm um papel de suma importância, pois através da leitura o educador oferece várias situações que possibilitem o desenvolvimento integral da criança, sempre com a função de distrair, estimular a imaginação e resolver conflitos internos quando inserido no mundo. É através de ouvir e contar, que as crianças vão organizando seus sentimentos e construindo seu desenvolvimento moral e social (FALCONI; FARAGO, 2015, p. 88).

Seja qual for à história, de narrativas até Contos de Fadas, elas podem promover e estimular a moralidade, desde que tais histórias sejam utilizadas como instrumento para objetivos específicos. É através desses dois mundos, da realidade e da fantasia, que a razão e imaginação se fundem, e assim auxiliam as crianças em

seu desenvolvimento integral, proporcionando um conhecimento próprio de si e do mundo que as cercam.

Segundo Cademartori (1986), quando a criança entra em contato com a história, ela percebe coisas, entretanto não age de acordo com tal percepção, pois quando toma consciência de um perigo eminente sofrido pelas personagens, a criança não se esconde, e, essa independência entre o percebido e a ação é fruto de um processo de desenvolvimento, no qual as ações que são narradas se referem a uma situação que a criança não vê, mas imagina. É justamente a imaginação, que desempenha um papel muito importante em todos os aspectos do desenvolvimento, pois é através dela que a criança pode experimentar, explorar e manipular ideias, antes de vivencia-las propriamente, e é por isso que as histórias e contos funcionam enquanto instrumentos utilizados pelo professor, para o desenvolvimento de questões sócio-morais em seus alunos, pois ainda segundo Cademartori (1986):

A apresentação sintética, simbólica e essencial de conflitos que atingem as personagens nos Contos de Fadas permite aos ouvintes a elaboração, igualmente simbólica, dos seus. Desse modo os contos, clássicos ou populares, facultam, não só a identificação, como também possibilitam uma prospecção, ou seja, a reformulação das expectativas pela apresentação de perspectivas novas (CADEMARTORI, 1986, p. 62).

Candido (1972, p. 84) afirma que “[...] a literatura, como a vida, ensina na medida em que atua com toda a sua gama [...]”, visto isso, cabe, portanto ao professor construtivista, não fazer desse momento de leitura, algo simples e vazio, mas sim cumprir seu papel ao promover uma roda, estimulando discussões sócio-morais após as leituras, de forma que tais experiências possam contribuir para o progresso da criança em relação a seu raciocínio moral e aos seus estágios de adoção de perspectivas, visando o desenvolvimento sócio-moral de seus alunos e integrando as crianças ao mundo da fantasia, para que assim futuramente possam lidar com as mazelas da vida real.

3. METODOLOGIA

A pesquisa realizada é de caráter qualitativo, pois não se preocupa com a representatividade numérica, mas sim com a questão da compreensão de um fenômeno, no caso “Os Contos de Fadas como mediadores na construção da moralidade em crianças da Educação Infantil”, com foco na intervenção da professora. Quanto a sua natureza pode-se classificar a pesquisa como aplicada, pois visa construir conhecimentos para uma aplicação prática, voltada à solução de um problema específico. Em relação aos objetivos, caracterizam-se como uma pesquisa exploratória, visando maior proximidade com o problema de pesquisa para compreendê-lo. Segundo Gil (2007),

a grande maioria dessas pesquisas envolve: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que estimulem a compreensão. Essas pesquisas podem ser classificadas como: pesquisa bibliográfica e estudo de caso.

A investigação que se apresenta é um Estudo de Caso, que segundo Yin (2001) vai muito além de apenas uma estratégia explanatória, que pode fazer uso de experimentos, levantamentos de dados, pesquisa histórica, etc. Entretanto, é a forma de questão da pesquisa, que se configura como fator primordial. O Estudo de Caso adéqua-se a trabalhos quando a questão de pesquisa circunda entre como e/ou por que, questões essas que levam à análise da evolução de um fenômeno ao longo do tempo; Neste estudo, a questão “Os contos de fadas podem se caracterizar como mediadores na construção da moralidade em crianças da Educação Infantil? Para tanto, como devem ser utilizados pelos professores?”, visto que se encaixa nessa particularidade que foi explicitado pelo ator. Deve-se ressaltar que o Estudo de Caso pode ser adequado à pesquisa, quando o pesquisador possui baixo controle de uma situação que por natureza, esteja inserida em um contexto social; o que também é o caso desse trabalho, que partiu da observação da professora e dos alunos enquanto atuantes em sala, sem que a pesquisadora interferisse no processo.

3.1 PARTICIPANTES

Os participantes da pesquisa são 28 (vinte e oito) crianças, entre 04 (quatro) e 05 (cinco) anos de idade. Todos alunos de uma sala mista, de Infantil IV e V, da etapa da Educação Infantil e a professora da sala de aula em questão.

3.2 LOCAL

O local de coleta de dados foi o Projeto Crescer, conveniado do Centro Espírita Amor e Caridade, uma escola que atende crianças de educação infantil e também conta com um programa de “Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para Crianças e Adolescentes” do município de Bauru (SP), é localizado em um bairro de classe média baixa e que recebe crianças do entorno. A Educação Infantil é dividida entre uma primeira sala para o Infantil II e III, e uma segunda sala para o Infantil IV e V¹, com o funcionamento no período da manhã e da tarde. A instituição observada possui um total de 145 (cento e quarenta e cinco) crianças, 15 (quinze) funcionários, com 4 (quatro) turmas, sendo 2 (duas) da Educação Infantil e 02 (duas) do “Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para Crianças e Adolescentes”.

3.3 PROCEDIMENTOS PARA A COLETA DE DADOS

Para a coleta de dados foi utilizado a observação, uma intervenção indireta e a entrevista.

A observação seguiu um roteiro pré-definido e foi realizada no período de 02 (dois) meses, sendo 03 (três) vezes por semana, se resumindo em 21 (vinte e um) encontros, com duração média de 04 (quatro) horas cada, totalizando 84 (oitenta e quatro) horas de observação direta. As observações foram registradas em um diário de campo e serão descritas nos resultados e análise dos dados.

As questões iniciais observadas foram:

- A professora utiliza os Contos de Fadas nas suas aulas? Se sim, quais e como utiliza?

¹ No sistema de ensino onde ocorreu a pesquisa só se usa a denominação Infantil IV e Infantil V como correspondente à etapa pré-escolar.

- Em qual ou quais locais a professora faz a leitura dos Contos de Fadas?
- As crianças gostam dos contos?
- A professora consegue manter a atenção das crianças durante a leitura? Faz gestos ou mudanças de voz durante a história?
- Qual a reação das crianças quando os contos são utilizados?
- A professora faz intervenção?
- É possível notar o compartilhamento de valores morais? Quais? Como aparecem?

A intervenção indireta se deu pela sugestão feita à professora, que foi orientada a contar uma história (Conto de Fadas), proposta pela pesquisadora, no intuito de observar as ações e reações da professora e das crianças frente à história Pinóquio, que foi a escolhida.

O primeiro Conto de Fada Pinóquio surgiu no ano de 1881, intitulado inicialmente como As aventuras de Pinóquio, escrito pelo Italiano Carlo Collodi, cujo verdadeiro nome é Carlo Lorenzini, responsável por escrever diversas obras que tinham sempre como característica uma influência pedagógica, e que ganharam diversas adaptações. Em 23 de Fevereiro de 1940, nos Estados Unidos, a obra foi levada por Walt Disney para o cinema, destacando os personagens principais da história: Gepeto, um senhor carpinteiro; Pinóquio, o boneco de madeira; Grilo Falante, que toma o papel da consciência do personagem principal; e a Fada Azul, fada madrinha de Pinóquio.

Resumidamente, a história se refere a uma marionete de madeira, que a cada mentira que contava, seu nariz crescia cada vez mais e mais. O conto apresenta uma narrativa, que expressa valores como coragem, lealdade, honestidade e outras virtudes, que a partir de uma leitura realizada por um profissional que enxerga tais questões, pode contribuir para que as crianças possam construir seus próprios pensamentos e atitudes, norteando-as para o desenvolvimento de sua moralidade. Segundo Corso e Corso (2006), a figura de Pinóquio, foi usada para ilustrar metaforicamente o desenvolvimento moral das crianças, e a criança com dificuldades de aprendizagem que precisaria ir para a escola para se tornar um menino de verdade.

A história de Pinóquio se inicia com o carpinteiro Gepeto, que por viver sozinho, sonhava em ter um filho e por isso resolve construir um boneco de madeira

(Pinóquio) para acabar com a sua solidão e lhe fazer companhia. Em uma noite, após o pedido de Gepeto de tornar o boneco um menino de verdade, aparece uma fada madrinha (Fada Azul), que vendo a solidão de Gepeto, decide dar vida ao boneco. Entretanto, explica ao boneco que só se tornará um menino de verdade, quando provar ser valente, sincero e generoso. Assim, Gepeto ao acordar e ver tal surpresa, fica muito feliz, pois seu boneco está vivo, então, decide mandá-lo para uma escola. Porém, Pinóquio inspirando exatamente na falta de princípios morais, não se preocupa com a questão de certo e errado, e acaba não indo à escola, pois escuta uma música vinda de um teatro de marionetes, e fascinado, sobe ao palco e começa a dançar, nesse momento aparecem alguns malfeitores, homens desconhecidas e desonestos que tentam a todo custo desviar Pinóquio para o caminho errado, pois ao vê-lo dançar, o queria para eles, então um dos homens dá um saco de moedas de ouro para Pinóquio, em troca de que ele os acompanhasse.

O grilo surge então como sua consciência, que o aconselha a voltar e ir para a escola, mas Pinóquio não escuta e segue com os desconhecidos, dizendo que voltaria, todavia, como estava mentindo seu nariz cresceu a cada mentira que contava. No tempo em que Pinóquio sumiu Gepeto o procurava incansavelmente e ao procurar no mar, acabou sendo engolido por uma baleia. Pinóquio longe dali, só quando notou orelhas de burro crescendo em sua cabeça que se deu conta do que havia feito e ao perceber que estava em apuros, recorre ao seu amigo Grilo falante, que o aconselha novamente a voltar para casa. Pinóquio decide voltar para casa, porém no caminho de volta seguindo pelo mar, o boneco e o grilo acabam sendo engolidos por uma baleia e ficando presos em sua barriga, mas ao olhar para o fundo da barriga do animal avistam uma vela e encontram Gepeto, de modo que juntos fogem da barriga da baleia. Finalmente são e salvos, Pinóquio pede desculpas ao pai e conta tudo o que aconteceu, prometendo nunca mais mentir. Nesse instante suas orelhas somem, seu nariz volta ao normal e a Fada Azul aparece, parabenizando Pinóquio por dizer a verdade e o transformando em um menino real após ter provado seu merecimento.

Para Corso e Corso (2006), cada uma das confusões armadas por Pinóquio, são cercadas de moral. Desde o início, o boneco é avisado e aconselhado a desistir do errado e seguir o caminho correto, mas insiste em suas decisões.

Após a leitura da história, vários fatores podem ser discutidos e trabalhados, além da mentira, como por exemplo, a questão de que era preciso que Pinóquio

enfrentasse obstáculos para poder se transformar um ser humano digno e honesto; a partir disso o professor pode trabalhar/discutir com os alunos essa passagem da história, com a intenção de transmitir uma mensagem de que, quando somos honestos somos recompensados com algo de bom, ou seja, evidenciar a importância do valor moral e da honestidade em nossa sociedade.

O Grilo Falante e a Fada Azul tem o papel de alertar, sobre os perigos e suas eventuais consequências, pois estes personagens são os adultos da história. Dessa forma, é muito importante que o professor, assim como os personagens, trabalhe essa mediação, que o adulto tem na construção dos valores morais das crianças pequenas, contribuindo, para que elas construam a sua capacidade de raciocinar moralmente sobre os diferentes temas éticos, auxiliando-as no processo de construção da autonomia.

Os malfeitores da história aparecem na vida de Pinóquio, como pessoas desconhecidas e desonestas, que tentam engana-lo. Visto isso, podem-se questionar as crianças sobre o quão perigoso é, se aproximar de pessoas desconhecidas, não com a intenção de assustar, mas sim, de mostrar que é preciso ter cuidado.

Através desse Conto de Fadas, assim como dito anteriormente, a criança associa história e vida real, desenvolvendo uma interação entre a criança e a personagem, permitindo a ligação da história com a realidade de cada uma. O Conto de Fadas Pinóquio, destaca características associadas diretamente à construção de valores morais, pois provoca a compreensão de certos princípios éticos que fazem parte da nossa realidade social, apresentados de forma aceitável para o público infantil.

Em relação à entrevista, a mesma foi realizada no espaço da escola, em uma sala a parte destinada para esse fim, sendo todas as perguntas gravadas com duração de 6 (seis) minutos e 8 (oito) segundos, e todas as questões transcritas. A realização da entrevista se deu de forma semi-dirigida, seguindo um roteiro pré-definido com possibilidades de acréscimos de dados, a partir da interação direta com o entrevistado.

As questões da entrevista foram:

- Idade:
- Gênero:
- Formação Inicial:

- Possuí Pós Graduação:
- Tempo de exercício no magistério:
- Você utiliza os Contos de Fadas nas suas aulas? Se sim, como escolhe os contos?
- Como costuma trabalhar com esse gênero?
- As crianças respondem positivamente a essa ação pedagógica? Como?
- Você acredita que há relação entre os Contos de Fadas e a construção da moralidade das crianças? Se sim, como e que tipo de relação?
- O que você entende por desenvolvimento moral?
- Você sabe o que é um ambiente ou sala de aula moral? Se sim, acredita que a sua sala de aula é um ambiente que promove a moralidade? Como?

3.4 PROCEDIMENTOS PARA A ANÁLISE DE DADOS

Os resultados obtidos foram analisados na seguinte ordem: a) Resultados e análises das observações, b) Resultados e análises da intervenção indireta e c) Resultados e análises das entrevistas. As observações foram analisadas de forma hermenêutica e geral, após a apresentação dos episódios observados. A análise da entrevista também ocorreu de forma qualitativa e hermenêutica.

4. RESULTADOS E ANÁLISES DOS DADOS

4.1 RESULTADOS DAS OBSERVAÇÕES

15/05 – 1º DIA DE OBSERVAÇÃO

Nesse dia, a professora leu o livro *O menino azul* de Cecília Meireles. Inicialmente mostrou o livro aos alunos, fez a leitura o título e o nome da autora, após esse primeiro momento ela inicia a leitura da história. A leitura foi realizada dentro da sala de aula, onde a mesma orientou os alunos para que se sentassem no chão, a sua frente, onde estava sentada em uma cadeira.

As crianças gostaram muito da história lida, de forma que prestavam bastante atenção e quando chegam à sala, logo perguntam se a professora contará alguma história durante a aula.

A professora conseguiu manter a atenção das crianças durante a leitura, pois fez gestos, mudanças de voz e sons quando muda de página. Na maioria das vezes a reação das crianças quando os contos são utilizados é manter silêncio na maior parte do tempo, falando quando a professora faz alguma pergunta durante ou depois da história. Quando alguns se despeçam a professora rapidamente consegue tomar sua atenção de volta chamando atenção para o texto.

A professora fez algumas perguntas durante a leitura, como por exemplo, o que eles acham que pode acontecer nas páginas seguintes e no final da leitura, apenas algumas perguntas sobre as ilustrações, como por exemplo, qual a cor de algum objeto ilustrado no livro, sobre o nome do personagem principal, se gostaram e o porquê.

Entretanto, a professora não explorou nenhum valor moral durante ou após a leitura e não foi feita nenhuma atividade após a leitura relacionada à história.

16/05 – 2º DIA DE OBSERVAÇÃO

A professora não realizou nenhum momento de leitura durante o período de observação do dia em questão, apenas passou atividades/exercícios escolares.

17/05 – 3º DIA DE OBSERVAÇÃO

A professora não realizou nenhum momento de leitura durante o período de observação do dia em questão, apenas passou atividades/exercícios escolares.

22/05 – 4º DIA DE OBSERVAÇÃO

A professora não realizou nenhum momento de leitura durante o período de observação do dia em questão, apenas passou atividades/exercícios escolares.

23/05 – 5º DIA DE OBSERVAÇÃO

Nesse dia foi à estagiária (estudante do curso de Pedagogia em cumprimento do estágio curricular obrigatório), quem realizou o momento de leitura, lendo o livro Chapeuzinho Vermelho. Inicialmente mostrou o livro aos alunos, leu o título e disse o nome da autora, após esse primeiro momento ela inicia a leitura da história. Em um segundo momento, escolheu alguns alunos, designou os papéis e os orientou para que interpretassem a história a sua maneira, com as frases principais que lembravam (a atividade foi realizada com a sua orientação, sobre a ordem cronológica dos fatos que eles deveriam seguir). Esse momento leitura foi realizado dentro da sala de aula, no qual a estagiária orientou os alunos para que se sentassem no chão, a sua frente, onde estava sentada em uma cadeira.

As crianças gostaram muito da história lida e do teatro, tanto as que participaram ativamente quanto as que assistiram os amigos interpretando a história. Prestavam bastante atenção e se envolveram, pois foi possível notar que essa encenação nunca havia sido sugerida a eles antes.

A estagiária teve um pouco de dificuldade em manter a atenção das crianças durante a leitura, mas fazia várias pausas para tentar retomar a concentração dos pequenos, e mudanças de voz de acordo com a personagem. Entretanto durante a encenação, a atenção das crianças foi total, pois foi algo diferente para eles.

Quando o conto foi utilizado a reação das crianças foi de ir contando o que aconteceria na história em cima da leitura, pois como já conheciam, se mostravam ansiosos e queriam mostrar que sabiam o enredo. Mantiveram o silêncio na maior parte do tempo e quando alguns se despeçam ou falavam de mais durante a leitura a estagiária pedia silêncio e na maioria das vezes conseguia ter seu pedido atendido.

Vale ressaltar que, a estagiária não fez nenhuma pergunta durante, nem depois da leitura. Apenas depois do teatro, perguntou se as crianças gostaram da

história e da atividade proposta. Também, não foi possível notar o compartilhamento de valores morais, pois a estagiária não compartilhou nem ressaltou nenhum, nem durante, nem após a leitura. Aparentemente seu foco maior foi na encenação do teatro.

24/05 – 6º DIA DE OBSERVAÇÃO

A professora não realizou nenhum momento de leitura durante o período de observação do dia em questão, apenas passou atividades/exercícios escolares.

28/05 – 7º DIA DE OBSERVAÇÃO

A professora não realizou nenhum momento de leitura durante o período de observação do dia em questão, apenas passou atividades/exercícios escolares.

29/05 – 8º DIA DE OBSERVAÇÃO

A professora não realizou nenhum momento de leitura durante o período de observação do dia em questão, apenas passou atividades/exercícios escolares.

30/05 – 9º DIA DE OBSERVAÇÃO

Nesse dia, a professora foi a prateleiras de livros e escolheu naquele momento, aparentemente sem planejamento o livro Dentro da casa tem, de Marcia Alevi. Inicialmente mostrou o livro aos alunos, leu o título e o nome da autora, depois esse primeiro momento ela cantou uma música que preparava as crianças para esse momento da leitura e iniciou a leitura da história. A leitura foi realizada, dentro da sala de aula, onde a mesma orientou os alunos para que se sentassem no chão, a sua frente, onde estava sentada em uma cadeira.

As crianças gostaram muito da história lida, de forma que prestaram bastante atenção, se envolveram e na hora das perguntas ansiavam por serem escolhidos para responder.

A professora conseguiu manter a atenção das crianças durante a leitura, pois fez gestos, mudanças de voz e sons durante algumas partes da história e quando fazia a mudança de página. Quando as crianças começam a conversar ela faz sons de choro, para chamar a atenção e diz o quanto estava triste por não estarem prestando atenção. Por ser uma professora aparentemente muito amada, as crianças passaram a fazer silêncio para enfim agradá-la. Portanto, no momento em

que os contos foram utilizados a maioria manteve silêncio, após o momento da música e no início da história na maior parte do tempo, falando quando a professora fazia alguma pergunta durante ou depois.

A professora fez algumas perguntas durante a leitura, como por exemplo, o que eles achavam que poderia acontecer nas páginas seguintes e no final, entretanto apenas algumas perguntas sobre o entendimento da história, sobre as ilustrações, como por exemplo, o que tinha dentro do armário, sobre o nome a cor de algumas ilustrações e se gostaram da história e o porquê. As crianças em maioria, demonstravam querer ser escolhidas para responder, por mais que algumas não lembrassem as respostas, a maioria acertou, pois prestaram atenção na leitura. Alguns alunos se destacam, demonstrando relações de aspectos do livro com conhecimentos pessoais, por exemplo, nesse dia um dos alunos, relacionou a pulga da história com um vampiro, pois como dito por ele mesmo, ambos se alimentam de sangue. A professora aproveitou o gancho e relacionar também com algo mais físico que todos ali conhecem que é o piolho; contudo, fica por isso mesmo e aparentemente ela não estabeleceu conexões, apenas aproveitou o espaço estabelecido por uma das crianças, tanto que finalizou o momento de leitura após essa relação. Durante as respostas a professora corrige pronúncias erradas de palavras ditas pelas crianças.

Não foi possível notar o compartilhamento de valores morais, pois a professora não explorou nenhum valor moral nem durante ou após a leitura.

05/06 – 10º DIA DE OBSERVAÇÃO

A professora contou a história do livro Chapeuzinho Vermelho. Inicialmente cantou a música da hora da história junto com as crianças, mostrou o fantoche que iria utilizar e pergunta se as crianças sabiam qual era a história que iria ser contada, nesse momento as crianças vendo uma menina com uma capa vermelha, logo disseram e acertaram de primeira, e assim começa a contar a história, sem o auxílio de um livro didático, apenas usando a memória e o fantoche.

A professora realizou a leitura dentro da sala de aula, na qual orientou os alunos para que se sentassem no chão, a sua frente, onde estava sentada em uma cadeira. As crianças gostaram muito da história, ainda mais dessa forma que foi apresentada, as levou a manter ainda mais a atenção, de forma que praticamente não houve conversas paralelas.

A professora conseguiu manter a atenção durante a leitura, pois faz gestos, mudanças de voz e sons conforme os acontecimentos da história. Nesse dia, o fato de ter usado o fantoche que continham os três personagens principais Chapeuzinho Vermelho, Vovozinha e o Lobo Mau, foi um diferencial que chamou muito atenção e encantou as crianças. Tanto prestaram atenção, que até mesmo corrigiram a professora, no momento em que disse, que a Chapeuzinho Vermelho chamava assim porque era uma menina linda, logo um aluno gritou do fundo da sala, a corrigindo dizendo *“Não professora, ela chamava assim porque tinha uma capa vermelha que a vovó fez pra ela!”*, a professora ficou surpresa mas apenas concordou dando risada da situação, parabenizando o aluno por lembra-la desse fato.

As crianças demonstraram gostar bastante desse momento, com certeza foi o melhor dia de contação de história até a presente data, pois prestaram muita atenção, fazendo silêncio e se assustando nos momentos de barulhos altos, que a professora fazia com sons da boca ou batendo na cadeira. Nesse dia em questão nenhuma das crianças presentes se mostrou desinteressada, se envolveram tanto que até mesmo cantavam e falavam as frases principais juntos com a professora.

Na sequência, a professora começou questionando os alunos, perguntando se sabiam de qual história era aquela personagem e durante a história sempre questionava as crianças o que elas achavam que iriam acontecer e elas por já conhecer a história muito bem, acabavam acertando sempre. Durante a história, a professora fez algumas adaptações que divergiam do conto original, como por exemplo, no momento em que a personagem enquanto andava pela floresta, disse sentir um cheiro estranho, as crianças logo acharam que era do lobo, mas a personagem disse que era de pum de alguma crianças que estavam ali sentadas se referindo aos alunos, e logo todos caíram na gargalhada e alguns disseram que não foram eles, enquanto outros diziam que tinha sido algum colega de sala ou mesmo a professora. Nesse momento a professora, disse que quando alguém quiser soltar algum pum, precisaria pedir licença e ir no banheiro, pois não é muito educado fazer isso do lado das pessoas. Outra adaptação feita por ela foi quando o caçador pega o lobo, nesse momento em sua história o nobre caçador, bate com o machado na cabeça do lobo, fazendo o som de tonhonhóim e levando todos as gargalhadas, abriu a barriga do lobo, cortou, tirou a vovó, costurou a barriga do lobo (tudo isso enquanto o lobo dormia, a vovó ao sair dizia que a barriga do lobo estava gelada e o

lobo ao acordar escutando a vovó, sentiu uma grande dor de cabeça e de barriga, nesse momento o caçador deu uma bronca no lobo e disse que ele nunca mais iria incomodar mais ninguém, nem assustar. O lobo estava arrependido, pediu desculpas, abraçou a todos e voltou pra floresta, prometendo nunca mais fazer mal a ninguém. A chapeuzinho voltou pra casa e contou para a mamãe, tudo que aconteceu naquele dia. Depois de toda explicação, ao final da história, ela apenas disse, “*Quem gostou da história bate palminha!*”, sem questionar as crianças sobre nenhum dos fatos ocorrido.

Sobre o compartilhamento de valores morais, os únicos fatores trabalhados pela professora foram à questão da falta de higiene, quando acontece de alguém soltar um pum do lado de alguém e a questão do arrependimento do lobo em ter enganado a chapeuzinho e a vovó, fazendo tantas maldades. No entanto, a professora explorou esses dois fatores muito superficialmente, de modo que poderia aprofundar e trabalhar diversas outras questões, enriquecendo o processo pedagógico.

06/06 – 11º DIA DE OBSERVAÇÃO

Nesse dia, não teve o momento de leitura. A professora disse que faria a leitura, entretanto chagaram duas dentistas estagiarias e trabalharam com as crianças algumas atividades que elas haviam preparado sobre alimentação. A professora se mostrou surpresa com a chegada das estagiárias, demonstrando desconhecer o fato de que haveria esse momento durante a aula e me comunicou que não é sempre que elas vão. Observa-se ausência de dialogo e planejamento escolar frente a rotina da professora.

07/06 – 12º DIA DE OBSERVAÇÃO

A professora não realizou nenhum momento de leitura durante o período de observação do dia em questão, apenas passou atividades/exercícios escolares.

12/06 – 13º DIA DE OBSERVAÇÃO

No dia em questão, a professora levou até as crianças, a história do livro “Elmer - O elefante xadrez”, de David McKee. Inicialmente cantou a música desse momento junto com as crianças, após explicou que nesse dia o livro não seria contado por ela, mas sim assistida e ouvida por todos no notebook dela, a partir de

um vídeo do youtube, então ela ligou o computador e colocou um vídeo escolhido, que contava a história do dia. Após escutarem a história, fizeram um círculo, perguntou as crianças o que elas entenderam e discutiram sobre. Por fim, explicou que entregaria uma atividade para que eles fizessem atividade essa, de pintar o Elmer da história. Após todos terminarem deveriam mostrar para a turma toda como ficou, finalizando o processo pedagógico.

Assim, como nas observações anteriores, a professora realizou a atividade dentro da sala de aula, onde orientou os alunos para que se sentassem no chão junto com ela, a sua frente colocou o notebook em cima de uma cadeira.

As crianças gostaram muito da história, e, por ela ser ouvida e assistida de maneira diferente, acabou chamando ainda mais atenção, de maneira que praticamente não houve conversas paralelas na sala, ainda mais que a professora se sentou no chão junto deles para ver e escutar a história contada de forma que todos queriam se sentar perto dela, e a todo o momento os olhares se revezavam entre o vídeo e a professora.

A professora conseguiu manter a atenção das crianças durante a atividade de assistir e ouvir a leitura por meio do vídeo, pois era bastante interessante e a mulher que contava a história mostrou o livro, fazia gestos, mudanças de voz, cantava e mostrava até mesmo uma figura do elefante da história. Nesse dia, o fato de ter usado o vídeo no notebook como recursos, se observou como um diferencial que chamou muito atenção das crianças.

As intervenções feitas pela professora foi uma roda de conversa sobre o entendimento da história e o que ela buscou transmitir. Ao final desse momento deu uma atividade. Entretanto, o objetivo era apenas pintar o elefante Elmer de diversas cores, escrever o nome e após todos terminarem de pintar, mostrar o desenho para toda a turma. Um fato interessante que ocorreu, foi quando um dos alunos disse que pintaria o elefante xadrez de preto e branco, logo a professora respondeu que não, o elefante devia ter várias cores, nesse momento o aluno disse que ele faria vários tons de preto e cinza, e a professora se surpreendeu e não questionou, o deixando que pintasse assim. Foi bastante intrigante observar esse aluno explicando aos demais o porquê dele ter pintado assim, todos ouviram e não questionaram, inclusive a professora, que se ausentou de um momento de intervir frente a essa situação.

Foi possível notar o compartilhamento de valores morais na fala da professora, pois após assistirem, ela fez uma roda, perguntou o que as crianças lembravam-se da história e por fim falou sobre a questão do elefante xadrez ser diferente dos outros e em como devemos aceitar as diferenças do próximo, seja em relação a cor ou comportamento, dizendo que todos somos únicos e que o fato de não sermos todos iguais é muito mais legal. Por mais que ela tenha dito à mensagem que a história quis passar, não houve realmente um momento de discussão entre elas e as crianças, consistindo portanto, em um discurso unilateral, onde ela expôs o valor, mas sem a discussão pertinente a ação pedagógica, partindo para a atividade de mera pintura do desenho.

13/06 – 14º DIA DE OBSERVAÇÃO

A professora não realizou nenhum momento de leitura durante o período de observação do dia em questão, apenas passou atividades/exercícios escolares.

14/06 – 15º DIA DE OBSERVAÇÃO

Nesse dia, a professora também não realizou nenhum momento de leitura durante o período de observação do dia em questão, apenas passou atividades/exercícios escolares.

19/06 – 16º DIA DE OBSERVAÇÃO

A professora não realizou o momento de leitura durante o período de observação do dia em questão, apenas dividiu as crianças em 3 (três) grupos, no qual cada um desses grupos, tinha uma categoria de brinquedo pedagógico diferente. Enquanto as crianças brincavam, ela permaneceu organizando a separação de atividades por crianças, para que fossem expostas aos pais durante a reunião da próxima semana.

20/06 – 17º DIA DE OBSERVAÇÃO

A professora não realizou nenhum momento de leitura durante o período de observação do dia em questão, apenas dividiu mais uma vez as crianças em 3 (três) grupos, onde cada um desses grupos, tinha uma categoria de brinquedo pedagógico diferente. Enquanto as crianças brincavam, ela se manteve separando as atividades

por crianças, para que fossem expostas aos pais durante a reunião da próxima semana.

21/06 – 18º DIA DE OBSERVAÇÃO

Assim como nos dias anteriores, a professora não realizou nenhum momento de leitura durante o período de observação do dia em questão, apenas mais uma vez dividiu as crianças em 3 (três) grupos, onde cada um desses grupos, tinha uma categoria de brinquedo pedagógico diferente. Enquanto as crianças brincavam, ela se dedicou em continuar separando as atividades por crianças, para que fossem expostas aos pais durante a reunião da próxima semana.

26/06 – 19º DIA DE OBSERVAÇÃO

A professora não realizou nenhum momento de leitura durante o período de observação do dia em questão, apenas orientou as crianças que fossem pegar 2 (dois) brinquedos cada, na sala onde eram guardados e o trouxessem para brincar juntos na sala de aula. Enquanto as crianças brincavam, ela permaneceu separando as atividades por crianças, para que fossem expostas aos pais durante a reunião da próxima semana. Aparentemente nessa semana a professora não daria atividades/exercícios escolares, pois estava ocupada tentando organizar tudo para a reunião de pais agendada para esse período.

27/06 – 20º DIA DE OBSERVAÇÃO

Assim como no dia anterior, a professora não realizou nenhum momento de leitura durante o período de observação do dia em questão, apenas orientou as crianças que fossem pegar 2 (dois) brinquedos cada, na sala onde eram guardados e o trouxessem para brincar juntos, na sala de aula. Enquanto as crianças brincavam, ela se concentrou na atividade de organização dos materiais dos alunos para a reunião de pais. A professora não deu atividades/exercícios escolares, pois assim como no dia anterior, estava ocupada tentando organizar tudo para a reunião de pais.

4.1.1 ANÁLISES DAS OBSERVAÇÕES

Por meio das observações foi possível notar que dos 20 (vinte) dias de observação, 15 (quinze) desses dias a professora não realizou o momento de leitura, ou seja, foram 5 (cinco) dias que se teve leitura e dentre esses, 1 (um) foi realizado pela estagiária. Ou seja, a professora propriamente dita, realizou apenas 4 (quatro) momentos de leitura, que era sempre feito em sala de aula.

A professora inicialmente vai até a prateleira de livros, pega algum título que lhe chama atenção, aleatoriamente, demonstrando não ter escolhido anteriormente durante o seu planejamento, qual livro seria lido e o que seria discutido e trabalhado a partir dele; visto isso, como dizia Libâneo (1994, p. 6) “O planejamento é um processo de racionalização, organização e coordenação da ação docente, articulando a atividade escolar e a problemática do contexto social”, dessa forma, o planejamento é indiscutivelmente importante, para que a professora saiba o que e como fazer, além de se preparar para contratempos. Então, iniciava esse momento da hora da leitura, pedindo para que todos se sentassem no chão, enquanto ela sentava a frente da turma em uma cadeira, mostrava o livro aos alunos, lia o título e o nome do(a) autor(a), após esse primeiro momento, em alguns dias ela cantava junto com as crianças a música da hora da história, outros dias não. Inicia a leitura da história, vez ou outra realizava algumas perguntas como, por exemplo, “o que vocês acham que vai acontecer na próxima página ou no final da história?”, ou então perguntava sobre as ilustrações, como por exemplo, qual a cor de algum objeto ilustrado no livro, sobre o nome do personagem principal e se gostaram da história e o porquê; entretanto, praticamente não foi possível notar o compartilhamento de valores morais, pois a professora não costuma explorar nenhum valor moral durante, nem após a leitura, exceto pelo dia 05/06 (10º dia de observação).

Dos dias observados, 3 (três) deles chamaram a atenção. Primeiramente o dia 23/05 (5º dia de observação), que foi o dia em que a estagiária preparou e realizou o momento de leitura, com a história “Chapeuzinho Vermelho”, em um segundo momento escolheu algumas crianças para realizar junto dela e a frente do resto da turma, um teatrinho da história contada. Esse dia chamou a atenção, pois as crianças aparentaram nunca terem participado de uma atividade como essa anteriormente, entretanto, mesmo vendo a admiração e vontade dos pequenos em participar, a professora não demonstrou interesse em observar como aplicar tal

atividade para, reaplicá-la a partir de uma nova história, mas ao invés disso a apenas informou às crianças que a estagiária aplicaria uma atividade e após ficou em sua mesa, realizando outras tarefas de praxe, sem participar da atividade realizada pela estagiária.

O segundo dia que chamou a atenção, foi 05/06 (10º dia de observação), nesse dia, a professora contou a história “Chapeuzinho Vermelho” com um fantoche que se transformava em 3 (três) dos personagens principais da história, a Chapeuzinho Vermelho, a Vovozinha e o Lobo Mau. Nessa data, a professora já começou esse momento questionando os alunos, perguntando se sabiam de qual história era aquela personagem e durante a história sempre questionava as crianças, sobre o que elas achavam que iriam acontecer e durante a contação, fez algumas adaptações que divergiam do conto original, como por exemplo, no momento em que a personagem enquanto andava pela floresta, disse sentir um cheiro estranho, as crianças logo acharam que era do lobo, mas a personagem disse que era de pum de alguma crianças que estavam ali sentadas (se referindo aos alunos), e todos caíram na risada e então a professora, disse que quando alguém quiser soltar algum pum, precisaria pedir licença e ir no banheiro, pois não é muito educado fazer isso do lado das pessoas; outra adaptação feita por ela, foi quando o caçador pega o lobo, nesse momento ela diz “o nobre caçador, bate com o machado na cabeça do lobo, abriu a barriga do lobo, cortou, tirou a vovó, costurou a barriga do lobo, tudo isso enquanto o lobo dormia. A vovó ao sair dizia que a barriga do lobo mau estava gelada e o lobo ao acordar escutando a vovó, sentiu uma grande dor de cabeça e de barriga, nesse momento o caçador deu uma bronca e disse que ele nunca mais iria incomodar ninguém, nem assustar. O lobo estava arrependido, pediu desculpas, abraçou a todos e voltou pra floresta, prometendo não fazer mal a mais ninguém. A chapeuzinho voltou para sua casa e contou para a mamãe, tudo que aconteceu naquele dia”. Tais adaptações feitas pela professora foram boas para amenizar o final da história, visto que a maioria de seus alunos advém de uma realidade complicada e problemática, envolvendo violência, uso de drogas na família, porte de armas e familiares presos. Entretanto, nos levou a refletir, pois após a entrevista realizada com a professora, foi possível perceber que seu maior foco com a hora da história acaba sempre não sendo promover a identificação das crianças, relacionando a fatores de suas vidas, mas sim promover um momento de relaxamento e distração a ela e as crianças, visto isso, suas

adaptações são justificáveis para manter seus objetivos para tal momento de leitura, mas em relação aos benefícios que o fator identificação, entre a realidade da criança e a história pode trazer, não é o objetivo da professora. Sobre o compartilhamento de valores morais, após a contação, os únicos fatores trabalhados pela professora foram à questão da falta de higiene, quando acontece de alguém soltar um pum do lado de alguém e a questão do arrependimento do lobo em ter enganado a chapeuzinho e a vovó, fazendo tantas maldades, entretanto esses dois fatores foram explorados muito superficialmente, com certeza poderia ter ido bem mais a fundo e trabalhar com diversas outras questões.

Por fim, o último dia que mais chamou atenção, foi 12/06 (13º dia de observação), que a professora colocou um vídeo do youtube para as crianças, que contava a história “Elmer – O Elefante Xadrez” e que ao final do vídeo propôs uma roda de conversa e uma atividade em que as crianças deveriam pintar o Elmer. Durante a roda de conversa proposta, foi possível notar o compartilhamento de valores morais na fala da professora, pois falou sobre a questão do elefante xadrez ser diferente dos outros e em como devemos aceitar as diferenças do próximo, seja em relação à cor ou ao comportamento, dizendo que todos nós somos únicos e que o fato de não sermos todos iguais é muito mais legal; entretanto, por mais que ela tenha dito a mensagem que a história quis passar, não houve realmente um momento de discussão entre ela e as crianças, foi portanto um discurso unilateral, no qual ela expos o valor, mas sem discutir e já logo partiu para a atividade.

As crianças demonstravam sempre gostar desse momento da hora da história, de maneira que prestavam bastante atenção e quando chegavam à sala, antes mesma da aula começar, logo perguntavam se a professora contaria alguma história durante a aula. A professora conseguia manter muito bem a atenção das crianças durante a leitura, pois sempre fazia gestos, caras e bocas, mudanças de voz, sons quando mudava de página ou de acordo com a ação das personagens. Na maioria das vezes, a reação das crianças quando os contos foram utilizados é manter silêncio na maior parte do tempo, falando quando a professora fazia alguma pergunta, durante ou depois da história; quando alguns se despeçam a professora rapidamente consegue tomar sua atenção de volta, chamando atenção para a leitura.

Candido (1972, p. 84) afirma que “[...] a literatura, como a vida, ensina na medida em que atua com toda a sua gama [...]”, visto isso, caberia à professora, não

fazer desses momentos de leitura, algo simples e vazio, mas sim cumprir seu papel ao promover uma roda, estimulando discussões sócio-morais após o término das contações, de forma que essas experiências pudessem contribuir para o progresso da criança em relação a seu raciocínio moral e aos seus estágios de adoção de perspectivas. O momento da roda de leitura deveria acontecer, visando o desenvolvimento sócio-moral de seus alunos e integrando as crianças ao mundo da fantasia, para que assim futuramente possam lidar com as mazelas da vida real, entretanto, foi notável que nem sempre isso é feito pela professora, que acaba encontrando nesse momento de leitura das histórias, uma mera válvula de escape para entreter e acalmar as crianças.

Giordano (2013, p. 32) afirmou que “Os contadores de histórias que trabalham utilizando os contos como instrumento, sabem sobre a importância de se contar e ouvir histórias, e conhecem o fascínio que exercem em seu público”. As leituras devem ser utilizadas como instrumento para objetivos específicos, entretanto a professora, muitas vezes não faz uso como instrumento, era esperado que a mesma, realizasse conversações primordialmente preparadas, após a leitura, que ao invés de partir de uma lição para ilustrar com exemplos, inicia-se relatando uma história previamente selecionada e a lição, nada mais seria do que uma reflexão em comum e uma discussão sobre tais relatos; mas não é isso o que acontece de fato.

Lembramos que Piaget (1930/1996) ao propor procedimentos de educação moral afirmou existir dois tipos de métodos, os verbais e os ativos. Os métodos verbais são procedimentos de ensino da moral pela palavra, variando desde o mais impregnado de coação adulta, até o mais direto e próximo da criança; nesse procedimento, as lições, são conversações provocadas pelo self-government ou pelo grupo, tendo inicialmente a lição moral e em seguida as conversações morais em forma de relatos ou comentários sobre exemplos históricos, literários entre outras. Em terceiro lugar, se tem o procedimento de não dar à moral um lugar especial, mas sim fazer uso das diferentes matérias de ensino para construir considerações morais. Já os métodos ativos de educação moral, diferente da anterior, acredita que a criança é capaz de fazer experiências morais por ela mesma, entretanto, cabe à escola construir um ambiente propício para que tal redescoberta se faça possível, de forma que não ocorram imposições de fora, mas sim por meio de uma atividade espontânea. Dessa forma, a partir das observações realizadas, podemos dizer que a professora em questão não faz uso do método ativo, mas sim, do método verbal,

pois ela apenas lê as histórias, entretanto, não discute e também não solicita a ação das crianças, por isso não utiliza um método realmente ativo.

4.2 RESULTADOS DA INTERVENÇÃO INDIRETA

Ao longo do processo de observação, em um dos dias, foi proposto pela pesquisadora a contação do conto de fadas “Pinóquio”, a ser realizada pela professora.

A duração da contação foi de 30 minutos e a professora acatou a proposta feita pela pesquisadora, utilizando então, o Conto de Fadas “Pinóquio”. Antes de iniciar esse momento, foram colocadas 16 páginas impressas da história proposta, coladas na parte inferior da lousa (apêndice 1), cada página continha uma parte da história; após organizar, cantou a música inicial junto com as crianças (apêndice 2) e ao término fez uma cara de surpresa/espanto, chamou atenção e disse que alguém havia passado por ali e bagunçou toda a história do Pinóquio e que ela então, iria sortear uma criança por vez, para ir a frente da sala e ajudar a arrumar, encontrado as partes e organizando na ordem.

Inicialmente a professora lia em voz alta a primeira frase do conto, fechava os olhos e sorteava um nome do pote de crachás (apêndice 3), a criança escolhida ia à frente, ela lia novamente a frase da página e a crianças a partir do que entendeu, olhava as imagens e tentava localizar a tal página (apêndice 4); devo destacar que a maioria dos alunos dessa sala sabe apenas ler o próprio nome e o nome de alguns colegas de sala, portanto a localização da página foi realmente feita a partir do entendimento da leitura e da identificação pela imagem. Após encontrar a página, era mostrado aos demais colegas e eles diriam se estava certo ou não (apêndice 5) e por fim iam colando na parte superior da lousa, já na ordem correta (apêndice 6). Algumas crianças precisaram da ajuda da professora para encontrar a página correta (apêndice 7), os amigos sempre iam ajudando também, falando se estava quente ou frio da página, enquanto a professora faz gestos, caras e bocas durante a atividade.

As crianças se mostraram bastante eufóricas, querendo ser a sorteada para ir a frente e ajudar, por isso alguns ficavam em pé e acabavam falando alto (apêndice 8). Após a última página ser colada pelo último aluno sorteado (apêndice 9), todos

se sentaram e a professora leu a história por completo, pois já estava toda organizada corretamente e fixada na parte superior da lousa (apêndice 10).

A professora realizou a atividade e a leitura do Conto de Fadas “Pinóquio”, em sala de aula mesmo, assim como foi observado anteriormente em suas aulas, ela manteve o mesmo padrão de comportamento.

As crianças gostaram muito, pois diferente dos dias anteriores, ela propôs uma atividade antes, que apenas com a finalização da mesma seria possível fazer a leitura da história; o que acabou envolvendo muito as crianças e as integrando nesse processo da contação. Gostaram tanto, que como havia apenas 16 (dezesesseis) páginas, só 16 (dezesesseis) crianças foram escolhidas para participar, então as demais se mostraram realmente tristes por não terem sido sorteadas, vendo isso a professora separou os nomes que não foram escolhidos, prometendo fazer a atividade novamente com uma outra história e dessa vez escolhendo os alunos que não haviam sido sorteados nesse momento; o que animou e aquietou as crianças, que se sentiram menos injustiçadas pela possibilidade de participação.

Sobre manter a atenção das crianças, a professora conseguiu, pois durante a atividade estabeleceu um acordo, no qual disse que não bastava ter sorte, a criança na qual o nome foi sorteado, deveria estar sentada em silêncio e só assim iria à frente para ajudar. Dessa forma as crianças demonstraram concordar com o combinado e o cumpriram de início, quebrando-o apenas quando a atividade ia chegando ao fim e alguns nomes ainda não haviam sido sorteados. A professora, também fazia vários gestos e mudanças de voz conforme o decorrer da atividade, o que despertava cada vez mais o interesse das crianças em querer ser sorteado, ou querer ajudar o amigo que foi sorteado.

As crianças se mostraram muito interessadas nesse momento, de forma que todos queriam ser sorteados e queriam ajudar os amigos que estavam à frente, dando dicas e incentivando a encontrar. Foi bastante interessante e a vontade deles em participar foi facilmente notada devido à euforia da turma toda.

A intervenção inicial se deu logo de início, pois sem concluir a atividade de organização das páginas, não seria possível a leitura da história. Essa investida foi muito interessante e proporcionou um grande envolvimento das crianças durante esse processo para chegar ao momento da tão esperada contação feita pela professora. Entretanto, após a leitura final, a professora poderia ter feito mais intervenções, pois o conto proposto abre um leque gigantesco de possibilidades,

porém isso não foi feito. Sem dúvidas a professora se empenhou bastante em pesquisar e buscar uma atividade dentro do que foi proposto e que, além disso, envolvesse e integrasse as crianças a esse momento de leitura.

Entretanto, o único compartilhamento de valor moral feito foi durante uma parte da leitura da história, quando a professora apenas perguntou se foi certo o Pinóquio não ter ido para a escola e as crianças a respondem que não foi certo, mas ela vai para outra parte e no decorrer na história não faz mais nenhuma colocação, assim como não o faz ao final da atividade e nem da leitura final. Por fim, ela apenas diz “Quem gostou da historinha bate palminha!”, todos batem palmas e a professora parte para outra atividade. Todo o planejamento feito para essa atividade foi muito interessante, e eu mesma enquanto pesquisadora ansiava pelo momento em que a professora terminaria a história e faria uma roda de conversa onde seria discutido as diversas questões de valores morais, que a história proporciona para o leitor, mas foi decepcionante, o que me causou grande tristeza, pois ficou aquele gosto de quero mais, faltou o coração. Acredito que como a professora não sabia qual era o meu ponto de análise dentro dessa proposta, talvez ela tenha suposto que o foco não era esse dos valores que a história continha, mas sim como ela desenvolveria algo dentro da proposta, e então como já havia tomado 30 (trinta) minutos de sua aula, acabou deixando essa parte de lado, talvez por não acreditar ser tão importante ou por considerar que o que havia feito já era suficiente; não posso dizer com certeza o que passou pela sua cabeça, mas não posso deixar de ressaltar o quão interessada a professora se mostrou, em ir atrás e pesquisar formas de utilizar o conto proposto e assim envolver as crianças.

4.2.1 ANÁLISES DA INTERVENÇÃO INDIRETA

Por meio da observação e análise, foi possível notar que como a professora não sabia qual era o ponto central de análise, não supôs que o foco era a questão da moralidade e como ela trabalharia isso com seus alunos a partir do que lhe foi proposto, então que o foco da professora se voltou para o mais óbvio, que era apenas a forma como ela realizaria a contação; desconhecendo o tema da pesquisa (propositalmente para que não houvesse a contaminação da mesma), a professora, acabou deixando de tratar diversas partes importantes.

Entretanto, não se deve deixar de ressaltar o quão interessada a professora se mostrou, em ir atrás e pesquisar formas de utilizar o conto proposto, de maneira que pudesse envolver as crianças na contação. Segundo DeVries e Zan (1998), é justamente nesse momento da roda da história, que o professor aparece em uma função dupla, que antes da roda deve planejar e durante a roda, deve liderar; dessa forma pode-se ver que o planejamento foi indiscutivelmente importante, para que se saiba o que e como fazer, mesmo que a professora tenha focado mais na contação.

Os alunos que não foram sorteados tinham a possibilidade de não só esperar, mas também de ir ajudando os que foram sorteados e que precisavam de auxílio; as crianças que não foram sorteadas ficaram realmente tristes e foi nesse momento que a professora ao explicar, levou as crianças a entender a situação, pois ao separar os nomes que não foram escolhidos, prometeu fazer a atividade novamente com outra história e dessa vez escolhendo os nomes que não haviam sido sorteados nesse momento, o que animou e aquietou as crianças, que como já haviam estabelecido com a professora o sentimento de confiança, acreditaram em sua palavra e que tal proposta seria justa para todos. Dessa forma de-se dizer que a professora conseguiu promover valores importantes dentro desse processo, de maneira que seu planejamento para essa atividade foi muito pertinente, pois além de utilizar o conto proposto, ainda possibilitou reflexões envolvendo paciência, empatia, justiça e confiança.

Já o raciocínio lógico, foi promovido quando foi proposto que as crianças organizassem a história, trecho por trecho; como a história já era conhecida por eles, o processo todo se deu de uma maneira muito fluida. Dessa forma, pode-se dizer que objetivos cognitivos para a hora da história, foram muito bem aplicados, já que se deu com precisão, a promoção do desenvolvimento geral do raciocínio e da inteligência, e como um segundo objetivo cognitivo, pode-se ver a construção do conhecimento e de vivências a partir da leitura. Assim, a professora conseguiu introduzir um senso de comunidade entre os participantes nesse momento de leitura, pois conseguiu incentivar também, o autogoverno e um envolvimento sobre questões sociais e morais específicas de acordo com o que estava sendo lido e proposto na situação.

Toda via o único compartilhamento de valor moral envolvendo a história, foi feito, quando a professora perguntou se foi certo o Pinóquio não ter ido para a escola e as crianças a respondem que não foi certo; após obter uma resposta das

crianças a professora passa para outra parte e no decorrer da história, não faz mais nenhuma colocação, que instigue as crianças a refletir sobre valores, nem ao término da atividade.

Como a professora faz uso de procedimentos verbais de educação moral, era esperado que a mesma, realizasse conversações primordialmente preparadas, que se iniciaria, relatando a história proposta pela pesquisadora, de forma que a “lição”, nada mais seria do que uma reflexão em comum e uma discussão sobre tais relatos que o conto traria. É papel da escola ativa, colocar a crianças em situações que a leve a experimentar diretamente as realidades e pensar por si mesma sobre as leis constitutivas, pois é dessa forma que a criança descobre suas obrigações morais pouco a pouco. Entretanto a professora não instiga as crianças a refletir sobre o que a história pode proporcionar de reflexão, como por exemplo, leva-los a refletir sobre a questão da mentira, do obedecer, do arrependimento, das recompensas positivas que os atos bons podem nos trazer, entre diversas outras gamas de discussão que podem ser salientadas a partir do conto proposto.

Então, apesar da contação ter sido bem aplicada e o processo rico, foi o pós que deixou a desejar, já que esse momento poderia ter sido mais bem aproveitado pela professora, pois essa hora de leitura, quando planejada e estabelecida a partir de objetivos pedagógicos que se enquadram em aspectos sócios morais ou cognitivos, é uma ótima oportunidade, para estabelecer essa importante atmosfera sócio-moral, já que é dentro desse contexto, que as crianças são levadas a entender que todos tem o direito a voz e que nenhuma opinião vale mais que a do outro. De acordo com DeVries e Zan (1994), os Contos de Fadas por se enquadrarem dentre as histórias infantis da literatura, que apresentam lições morais, que se dão como ensinamentos orais, que segundo Candido (1972), possui uma função humanizadora, que confirma a humanidade do homem e uma função psicológica, que se refere à necessidade universal de ficção e fantasia, poderia ser mais bem trabalhada dentro do seu planejamento.

4.3 RESULTADOS DA ENTREVISTA COM A PROFESSORA

A entrevista foi realizada com a professora responsável pela sala de aula, na escola, em local apropriado. Foi gravada e transcrita, e teve 30 (trinta) minutos de duração.

A professora tem 31 anos, é do gênero feminino, formada em Pedagogia, com curso concluído no ano de 2010. Não fez pós-graduação, mas relata ter a intenção de fazê-lo. Atua há 18 anos na Educação Infantil.

A seguir, apresenta-se a transcrição das respostas obtidas na entrevista e posteriormente são procedidas à análise.

- **Professora, você utiliza os Contos de Fadas nas suas aulas?**

Sim, eu gosto bastante, porque eu acho que é a partir dos contos de fadas que a criança ela cria o personagem, se vê como personagem ela sempre gosta de ser o personagem principal e aí que entra o jogo simbólico, que entra a realidade e a fantasia, o mundo da fantasia, que eles sempre gostam de ser a princesa o príncipe, ou às vezes também gostam de ser a bruxa, então eu uso bastante porque é onde eu vejo, que os meus alunos, eles é (pausa), criam os personagens, eles são os personagens da história.

- **Como você escolhe os contos?**

(pausa)

- **Tem algum critério de escolha?**

É (pausa), normalmente nas minhas aulas, eu costumo perguntar para eles, os alunos, qual história que eles gostariam de ouvir, ou é algum título que me chama atenção e que eu vejo que para aquele momento seria interessante, (pausa) é se aconteceu alguma coisa em sala de aula, eu procuro um título que vai me ajudar, auxiliar para trabalhar aquilo com as crianças... sobre a amizade, se aconteceu alguma coisa como episódio de os alunos, é se desentenderem com os amigos, aí eu vou lá e procuro algum que fala sobre amizade, para estar assim reforçando esses valores com eles.

- **Como você costuma trabalhar com esse gênero?**

(pausa) Ah a roda da história, eu sempre procuro ou no começo da aula, ou no final, eu acho que é um momento que ou eles chegam muito é (pausa), elétricos na aula, já querendo já e a gente tem sempre que tá disposta a dar uma atividade que vá acalmá-los ou também no final do dia, que eles estão mais descansadas, depois das atividades. Aí é um momento que eu também uso mais

para tranquilizá-los né, e para dar aquela pausa, é que é o momento mais em que eles ficam mais quietinhos e gostam de prestar atenção, o momento que eu preparo para a gente fazer a próxima atividade.

- **As crianças elas costumam responder positivamente a essa ação pedagógica?**

Ai muito!

- **Como?**

Eu acho que as vezes eles até querem, interferir bastante (risos) aí a gente acaba até meio perdendo o fio da meada, é e a gente tem que ter o jogo de cintura, né para saber, é (pausa) controlar isso, porque se não, elas vão começar a questionar bastante e eu falo sempre pra eles, que no final da história, eles podem perguntar, eu faço perguntas também, que é para não atrapalhar o andamento da história.

- **Você acredita que há relação entre os Contos de Fadas e a construção da moralidade das crianças? - Se sim, como e que tipo de relação?**

(pausa) Ai eu acredito bastante, porque como eu já disse né, as histórias trabalham os valores, então a gente sempre tem que tentar ir afirmando isso, como acontece nas fábulas, que sempre tem uma lição de moral no final da história, e eles levam isso no dia a dia né, eles lembram da história em que ah aconteceu isso na história que eu não posso fazer, ou posso fazer, que foi legal, então eles aprendem muito com as histórias, que eles tudo remetem a história, eles sempre vão lembrar de uma coisa que acontece na sala, que eles vão falar ah é, ah em tal história falou isso, então é um jeito deles não esquecerem, é alguma coisa, que eles sempre vão estar aprendendo, eles não esquecem.

- **O que você entende por desenvolvimento moral?**

(pausa)

(repito) **Desenvolvimento moral.**

(longa pausa) Hum. (sussurro baixinho) Ai que difícil! (risos) Seriam as relações que as crianças vão criando, é ao longo da sua vida na escola. (pausa) e... Que eles vão aprendendo o que é certo, o que é errado, o que pode, o que não pode,

é vão aprendendo o que pode aqui na escola, o que não pode, é na escola, o que pode em casa, o que não pode em casa, eu acho que eles vão criando semelhanças é, entre a vida deles, e a escola e a vida deles com a família.

- **Você sabe o que é um ambiente ou uma sala de aula moral?**

(pausa) Eu acho que é onde a gente, trabalha sempre esses valores com eles e sempre reafirmando, é (pausa) o que é certo, o que é errado, o que é aceito, o que não é aceito aqui na escola... Seria isso.

- **Você acredita que a sua sala de aula é um ambiente que promove a moralidade? Se sim, como?**

(pausa) Ah eu acho que, a gente tenta sim, na maior parte do tempo que aconteça né, só que pode, pode criar vários conflitos então a gente também tem que ter saber trabalhar isso com eles, que às vezes acaba surgindo um assunto, com eles e a gente tem que resolver esse conflito, que pra eles pode estar certo ou errado.

- **Obrigada professora!**

Por nada! (risos)

4.3.1 ANÁLISES DA ENTREVISTA COM A PROFESSORA

Por meio da análise da entrevista, pode-se perceber que a professora tem conhecimento sobre como os Contos de Fadas são estimados pelas crianças, e que assim como diz Candido (1972), os Contos de Fadas possuem uma função humanizadora, que confirma a humanidade do homem e uma função psicológica, que se refere à necessidade universal de ficção e fantasia, que sempre faz referencia a alguma realidade, então assim como a professora diz na entrevista, as crianças gostam muito, e visto isso ela os utiliza, pois é a partir deles que a criança, se coloca no lugar ou se identifica em situações iguais a dos personagens, relacionando realidade e fantasia.

Sobre os critérios de escolha adotados pela entrevistada, é dito que normalmente ela costuma perguntar para seus alunos, qual história eles gostariam de ouvir, ou então é escolhido algum livro que lhe chama atenção e que a mesma vê que

seria interessante para o momento em questão. Em resumo, pode-se dizer assim como dito anteriormente na análise das observações feitas em sala de aula, que tais escolhas são em sua maioria, feitas alguns momentos antes da leitura, em sala de aula mesmo, já que a professora possui uma estante com vários exemplares de livros infantil em sala de aula, a mesma caminha até tal estante, escolhe um livro naquele momento e realiza a hora da leitura, demonstrando não ter escolhido anteriormente durante o seu planejamento, qual livro seria lido e o que seria discutido e trabalhado a partir dele.

Assim como foi observado e dito na entrevista pela professora, a hora da história é sempre realizada no começo da aula ou no final, pois segundo a mesma, é um momento que ela usa, para tranquilizá-los e para dar uma pausa, deixando-os mais quietos e estimulando-os a prestar atenção. Mais uma vez, como dito anteriormente, nota-se a questão de que alguns professores, vê as histórias apenas como uma mera válvula de escape para entreter as crianças, acalmá-las, deixá-las quietas por alguns minutos para a professora também descansar. Infelizmente durante a entrevista a professora relata o triste fato de ver esse momento de leitura principalmente como uma válvula de escape, deixando de lado diversas oportunidades de explorar a rica gama de discussões que os Contos de Fadas podem proporcionar ao grupo.

A entrevistada diz que as crianças costumam responder muito positivamente as suas ação pedagógica e que às vezes elas querem interferir bastante e ela acaba “perdendo o fio da meada” como dito por ela mesma, e é aí que ela precisa ter um jogo de cintura para controlar isso, porque se não, segundo a professora, as crianças iriam começar a questionar bastante e como relatado, para não atrapalhar o andamento da história, ela sempre fala para eles, que no final, eles podem perguntar e que a mesma faz perguntas também. Após as observações podemos dizer que sim, a professora é sincera e prova dizer a verdade, entretanto a questão de controlar a crianças e orientá-las a guardar seus questionamentos para o final, não se mostra como algo bom, já que ao final a maioria já esqueceu o que queria dizer anteriormente e as questões feitas pela professora, se resumem quase sempre as ilustrações que o livro possui ou no nome das personagens; muito é perdido nesse processo de podar as crianças e vetá-las de fazer seus questionamentos durante a história.

Na questão sobre a moralidade, podemos perceber que a entrevistada é pega de surpresa e se mostra um tanto insegura em responder, fazendo uma grande pausa inicial para pensar. Entretanto, diz que acredita bastante na relação existente, entre os

Contos de Fadas e a construção da moralidade das crianças, pois segundo ela, as histórias trabalham os valores, então é preciso que se afirmem tais valores, como acontece nas fábulas, sempre tem uma lição de moral no final da história, e que assim como dito por ela, eles levam isso para o dia a dia, relacionando com as suas próprias vidas, sendo, portanto esse, um jeito para que seus alunos, não se esqueçam. A professora se mostrou bastante perdida e devido a isso, acabou repetindo o discurso de uma das questões anteriores, entretanto, demonstra saber da relação existente entre os Contos de Fadas e a construção da moralidade, por mais que não saiba elaborar a resposta, entende que assim como diz Corso e Corso (2010, p. 352) “... o que se vive na fantasia influencia o rumo da realidade”.

Na questão sobre o que a professora entendia por desenvolvimento moral, é feita uma longa pausa antes da resposta e a entrevistada diz baixinho que essa era difícil, demonstrando não saber o que responder. Depois de um tempo, a mesma diz em tom de pergunta se seriam as relações que as crianças vão criando, ao longo da sua vida ora na escola, ora em casa, sobre o que é certo e errado, o que pode e não pode, estabelecendo assim semelhanças, entre a vida deles em família e a escola. Assim como mencionado anteriormente, a professora demonstra cair no patamar de certas falas e conceitos populares, deveras questionáveis, pois reduz as crianças morais a indivíduos que agem com comportamentos socialmente positivos, como compartilhar coisas, ajudar e consolar outras pessoas, ou as reduzindo a indivíduos com hábitos de boa educação, como por exemplo, dizer “por favor”, “obrigado” e “desculpe-me”, porém segundo DeVries e Zan (1998), ensinar apenas a criança a se comportar de maneira positiva é ignorar a importância do desenvolvimento do sentimento de necessidade de se comportar de maneira moral, visto que é totalmente possível, se comportar de maneira socialmente aceitável e positiva, sem ter intenções ou sentimentos morais durante a ação, já que nem sempre tais atos refletem necessariamente sentimentos morais que signifiquem relacionamentos baseados na ética.

Entretanto, a formação dos professores nessa área muitas vezes é deficitária, visto que segundo Castro e Amorim (2015), diversas ações governamentais, acabam optando por deslocar os investimentos que seriam da formação inicial para a formação continuada, política essa, que acaba por fragilizar a formação inicial. Dentro disso, uma formação continuada não reparadora ou supletiva, mas sim com um caráter eletivo, demandaria alguns aspectos essenciais dos professores, como uma formação inicial

que possibilitasse a tais profissionais, traçar rumos de trajetórias; promoção de uma autonomia para que se torne possível, decidir quando, onde e como continuarão a se formar e por fim, dispor de condições materiais para realizar cursos, desenvolver pesquisas e elaborar propostas de intervenção.

Entre os anos 1990 e 2000, se proliferaram ações de ensino, pesquisas e extensões voltadas acerca do conhecimento dos professores e de seus saberes/fazeres, como também para formá-los a partir da nova concepção, de professores reflexivos e pesquisador, assim como se teve a valorização das experiências vivenciadas por tais profissionais, dando, portanto, destaque aos saberes adquiridos ao longo de suas experiências profissionais.

Alguns profissionais acabam demonstrando certa resistência em fazer alguns esforços, para conseguir encontrar espaço entre sua vida profissional e pessoal, para conseguir incorporar novas aprendizagens. Tem-se, naturalizado o fato de que a primeira formação dos professores não é suficiente para que o mesmo se inicie na vida profissional de forma segura, dessa forma, professores são formados na esperança de que o mercado de trabalho e o exercício profissional os ensinem o que não aprenderam durante sua formação, acreditando que os déficits de formação serão concertados por meio de programas de formação continuada. Todavia, do ponto de vista político, as universidades deveriam investir mais na formação inicial de professores, do que no aparelhamento dos docentes a partir de pacotes de formação continuada.

Quando, todavia, analisamos o curso das políticas de formação de professores, bem como as condições profissionais de que eles dispõem no Brasil, o que se destaca é um cenário de aligeiramento da formação inicial, de baixos investimentos na oferta de uma carreira atraente e de muitos investimentos no oferecimento de programas de treinamento e na aquisição de pacotes pedagógicos, com destaque para os que incluem materiais didáticos e tecnologias atuais (CASTRO; AMORIM 2015, p. 23).

Entretanto, não podendo ignorar o déficit na formação, pois é vital que o docente, a partir da percepção da existência de falta de conhecimento em determinadas áreas, busque continuar seu processo de educação e disponha de condições favoráveis para fazer isso com qualidade e autonomia, sejam tais condições favorecidas pelo governo ou não. Segundo Freire (2003), a busca pela formação deve partir do mundo do trabalho e das necessidades e experiências de cada um:

Esta atividade exige que sua preparação, sua capacitação, sua formação se tornem processos permanentes. Sua experiência docente, se bem percebida e bem vivida, vai deixando claro que ela requer formação permanente do ensinante [...] (FREIRE, 2003, p. 28).

Cabe ao profissional ir além de sua formação e buscar se especializar, para que assim possa sanar seus déficits proporcionados durante a formação. Nóvoa (1992) dizia que a formação ética dos professores e a investigação nesta área não se encontravam em um patamar de destaque de trabalho desejado, principalmente no que diz respeito a uma formação que articula a ética na profissão docente e a formação ética dos alunos. Dessa forma, se já são raras as situações na formação, imagine quão raros são os trabalhos de investigação que buscam estudar tais processos formativos e averiguar os impactos de tal formação de professores no desenvolvimento ético e na formação moral dos alunos.

Em relação à questão sobre se a entrevistada saberia dizer o que é um ambiente ou uma sala de aula moral, demonstrando dúvida, é dito que é onde se trabalha e afirma os valores com as crianças, o que é certo e errado, o que é aceito ou não na escola. Repetindo a resposta da questão anterior, mais uma vez a professora se mostra insegura em responder sobre a questão da moralidade e acaba se baseando no mero senso comum.

Sobre a última questão, que se refere a questionar se a professora acredita que a sua sala de aula é um ambiente que promove a moralidade, após uma pausa é dito que ela acha que sim, e que tenta na maior parte do tempo que aconteça, entretanto, como pode criar vários conflitos entre ela e as crianças, ela diz que se tem sempre que saber como trabalhar isso com eles, pois às vezes acaba surgindo um assunto, que gera conflito, entre certo ou errado. Visto tal resposta, nos resta pensar o quanto essa professora está perdendo oportunidades, de criar diversas discussões e questionamentos com seus alunos, que poderiam contribuir muito para o desenvolvimento moral deles a partir de tais divergências de opinião.

Então, a partir da análise da entrevista e apesar da professora entrevistada ter respondido todas as questões, podemos dizer que uma questão pairou no ar diante de tudo que foi observado e respondido: Será que a professora, teve em sua formação alguma disciplina que lhe possibilitasse algum entendimento sobre desenvolvimento moral? Pois podemos dizer que a mesma, demonstrou grande insegurança em responder a maioria das questões, principalmente sobre o foco principal dessa

pesquisa que é a questão da moralidade; entretanto, todas as respostas foram sinceras, visto a observação que se teve anteriormente.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa apresentada nesse Trabalho de Conclusão de Curso teve como objetivo verificar a utilização dos Contos de Fadas como possíveis mediadores na construção da autonomia moral das crianças. Após sua conclusão podemos afirmar que os Contos de Fadas podem ser utilizados como mediadores ao desenvolvimento moral das crianças desde que o professor tenha consciência de que a contação de histórias, quando realizada com objetivos específicos e planejamento adequado, pode, auxiliar no desenvolvimento da interpretação e na capacidade crítica das crianças, além de contribuir para construções sociais e morais.

De acordo com a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) CAPÍTULO II da Educação Básica, Seção I das Disposições Gerais, Art. 27º. “Os conteúdos curriculares da educação básica observaram, ainda, as seguintes diretrizes: I - A difusão de valores fundamentais ao interesse social, aos direitos e deveres dos cidadãos, de respeito ao bem comum e à ordem democrática...”. Visto isso, os educadores, frente à escola enquanto um espaço de formação de valores que expira a cidadania, não pode deixar de lado a oportunidade de trabalhar conhecimento científico e valores, dando a ambas sua devida valorização, pois ignorar tal oportunidade de trabalhar e discutir valores em sala de aula acaba por ser um desfavor a educação, já que ignora um instrumento tão rico de desenvolvimento. Libâneo (1998), afirma que a escola deve garantir uma formação que possibilite ao aluno uma transformação do mesmo, em um sujeito pensante e capaz de utilizar suas potencialidades de pensamento na construção e reconstrução de conceitos, habilidades e valores.

Quando o professor tem em mente a proporção que os Contos de Fadas enquanto instrumentos, podem atingir em relação ao desenvolvimento moral de seus alunos, deve utilizá-los em momentos propícios a tais discussões, como por exemplo, antes, durante, ou após o momento da roda de leitura, podendo então, tornar os momentos de leitura, algo muito mais transformador, pois tendo os Contos como instrumento, é capaz de olhar além da história e levar seus alunos a reflexões morais muito pertinentes e relevantes tanto para suas vidas acadêmicas, quanto sociais e pessoais.

Então, podemos dizer que após a tomada de consciência do professor, cabe a ele continuar ou mudar suas práticas frente a tudo o que lhe foi apresentado no

atual trabalho, visto que as provas de que os Contos de Fadas podem contribuir para as crianças/alunos, muito mais do que apenas como uma forma de passar o tempo, se distrair ou se tornar um momento de descanso para o professor, mas sim, que o educador enquanto profissional da educação tenha a partir deste descoberto ou confirmado uma função pedagógica voltada ao desenvolvimento infantil, por meio deste gênero textual que aqui lhe foi dissecado.

Sobre como esse trabalho contribuiu para a minha formação enquanto Pedagoga posso dizer que tudo se desenvolveu de uma maneira tão fluída e com uma atribuição de conhecimento tão rica para a minha bagagem acadêmica, que sem sombra de dúvida me inspira a futuramente fazer outro curso na universidade, ou então a buscar por uma Pós-Graduação. Toda a elaboração do atual trabalho se mostrou como uma prática muito desafiadora, mas que me impulsionou cada vez mais como estudante e futura Pedagoga, a querer buscar mais, a ir além, encontrar e somar mais saberes para estruturar essa pesquisa e agregar mais conhecimento a minha formação; Conhecimento esse que desde o primeiro ano me deixou admirada em poder trabalhar com a Pedagogia e a Psicologia juntas, lado a lado, caminhando e lutando juntas por uma educação mais humana. Admirada com tal união, pude a partir desse trabalho, conhecer e ler mais obras de pensadores da educação, como por exemplo, Jean Piaget, Rheta DeVries e Betty Zan, assim como ir a fundo dos benefícios que a literatura infantil, quando planejada e intencionada, pode promover frente ao desenvolvimento moral.

Aprender mais sobre desenvolvimento moral me mudou como pessoa, pois a partir dos meus estudos na área, vi que eu mesma trazia comigo ideias subjetivas sobre o que era moral, moralidade, desenvolvimento moral; ou seja, estudar sobre isso, me abriu os olhos e me mostrou o quão rica é essa área de estudo.

Em relação aos campos de pesquisa que se abrem a partir da elaboração desse trabalho, podemos citar a formação precária dos professores da educação infantil referente ao tema desenvolvimento moral, como também, o despreparo de professores frente à como trabalhar com a literatura com crianças da educação infantil em sala de aula, ou então, sobre quais as diferenças encontradas entre crianças de uma sala de aula moral, onde a professora desenvolve uma prática guiada por discussões e debates diários entre professor-aluno, e uma sala de aula onde a professora não desenvolve um trabalho baseado no desenvolvimento moral e como isso afeta as crianças da educação infantil dessas salas em questão, entre

diversos outros campos que poderiam ser pesquisados a partir do atual trabalho; campos esses, que me despertam grande interesse em dar continuidade nas minhas pesquisas dessa área.

Por fim, devo dizer que todo o processo de elaboração desse trabalho foi muito gratificante e inspirador, espero que essa pesquisa, possa abrir portas ou então inspirar outros pesquisadores a ingressar nesse campo de pesquisa que tanto me admirou.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil**. São Paulo, Editora Brasiliense, 1986.

CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil**. Edição Brasiliense, 1987.

CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem**. Ciências e Cultura. São Paulo, v. 24, n. 9, 1972.

CASTRO, Marcelo; AMORIM, Rejane. **A formação inicial e a continuada: diferenças conceituais que legitimam um espaço de formação permanente de vida**. Cad. Cedes, Campinas, v. 35, n. 95, p. 37-55, jan.- abr., 2015.

CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. **A psicanálise na terra do nunca: Ensaio sobre a fantasia**. Porto Alegre, 2010.

CORSO, Diana Lichtenstein. CORSO, Mário. **Fadas no Divã: psicanálise nas histórias infantis**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

CRUZ, Michelle Brugnera. **As aventuras de Pinóquio: Um Retrato do Desenvolvimento Moral e Cognitivo nas Crianças**. Disponível em: <<http://www.profala.com/arteducesp147.htm>>. Acesso em 12 de Junho de 2018.

FALCONI, Isabela; FARAGO, Alessandra. **Contos de Fadas: origem e contribuições para o desenvolvimento da criança**. Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, Bebedouro - SP, p. 85 - 111, 2015.

FREIRE, Patrícia da Conceição. **Era uma vez um boneco de madeira: Estudos sobre as relações infantis através da história de Pinóquio**. Trabalho de conclusão do curso de Pedagogia - UNICAMP, Campinas, 2013.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: Cartas a quem ousa ensinar**. 14. ed. São Paulo: Editora Olho d'Água, 2003.

FREITAS, Lia Beatriz de Lucca. **Autonomia moral na obra de Jean Piaget: a complexidade do conceito e sua importância para a educação**. Editora da UFPR, Curitiba, Educar n. 19, p. 11-22, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo. Atlas, 2007.

GIORDANO, Alessandra. **A arte de contar histórias e o conto de tradição oral em práticas educativas**. Constr. Psicopedag, vol. 21, n.22, pp. 26 – 45, 2013.

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. CAPÍTULO II da Educação Básica, Seção I das Disposições Gerais, Art. 27º. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1996/lei-9394-20-dezembro-1996-362578-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em 10 de Agosto de 2018.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?** Novas exigências educacionais e profissão docente. São Paulo: Cortez, 1998.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** São Paulo, Editora Cortez, 1994.

LIMA, Vanessa. **De Piaget a Gilligan:** Retrospectiva do Desenvolvimento Moral em Psicologia um Caminho para o Estudo das Virtudes. Psicologia Ciência e Profissão, Artigo Científico, p. 12-23, 2004.

MARIANA, Livia. **Os contos de fadas na educação infantil “PINÓQUIO”.** Disponível em: <http://contosdefadasnaeducacaoinfantil.blogspot.com/2012/04/pinoquio_07.html>. Acesso em 07 de Junho de 2018.

MONTENEGRO, Thereza. **Educação Infantil:** A dimensão moral da função de cuidar. Psic. da Ed., São Paulo, p. 77-10. 11º sem. de 2005.

NÓVOA, Antonio. (1992). **Formação de professores e profissão docente.** In A. Nóvoa (coord.). Os professores e a sua formação. Pp. 13-33. Lisboa: Dom Quixote.

PEREZ, Luana Castro Alves. **História dos contos de fadas.** Brasil Escola. Disponível em <<https://brasilecola.uol.com.br/literatura/historia-dos-contos-fadas.htm>>. Acesso em 29 de Março de 2018.

PIAGET, Jean. **O juízo moral na criança.** São Paulo, Summus, 1932/1994.

PIAGET, Jean. **Cinco estudos de educação moral.** São Paulo, Casa do Psicólogo, 1996.

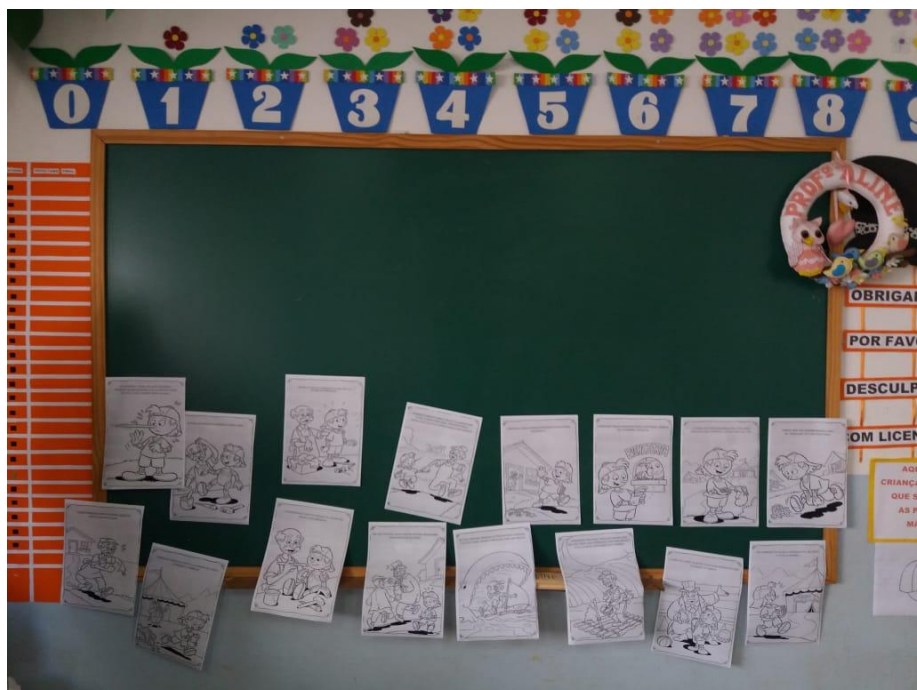
PIAGET, Jean. **Os procedimentos da educação moral.** São Paulo, Casa do Psicólogo, 1930/1996.

ROHLING, Marcos . **Durkheim, Rawls e a educação moral.** Revista Brasileira de Educação, vol. 22, nº. 71, Rio de Janeiro, 2017.

YIN, Robert. **Estudo de caso:** Planejamento e Métodos. Porto Alegre, Bookman, 2001.

APENDICE

ANEXO A - PÁGINAS IMPRESSAS DA HISTÓRIA PROPOSTA, COLADAS NA PARTE INFERIOR DA LOUSA.



**ANEXO B - PROFESSORA CANTANDO A MÚSICA DA HORA DA HISTÓRIA
JUNTO COM AS CRIANÇAS.**



ANEXO C - SORTEIO DO NOME NO POTE DE CRACHÁS.

ANEXO D - CRIANÇA ESCOLHIDA À FRENTE DA TURMA, OLHANDO AS IMAGENS E TENTANDO LOCALIZAR A PÁGINA LIDA ANTERIORMENTE.



ANEXO E – PROFESSORA MOSTRANDO PARA OS OUTROS ALUNOS DA SALA, A PÁGINA ESCOLHIDA PELO ALUNO SORTEADA.



ANEXO F - PROFESSORA COLANDO NA PARTE SUPERIOR DA LOUSA, A PÁGINA JÁ NA ORDEM CORRETA.



**ANEXO G – PROFESSORA AUXILIANDO UMA DAS CRIANÇAS, QUE
PRECISOU DE AJUDA PARA ENCONTRAR A PAGINA CORRETA.**



ANEXO H - CRIANÇAS EM PÉ, EUFÓRICAS QUERENDO SER A SORTEADA PARA IR À FRENTE E AJUDAR.



ANEXO I - ÚLTIMA PÁGINA SENDO COLADA PELO ÚLTIMO ALUNO SORTEADO.



ANEXO 10 – HISTÓRIA TODA ORGANIZADA CORRETAMENTE E FIXADA NA PARTE SUPERIOR DA LOUSA.

